

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Programa de Pós-graduação em Letras

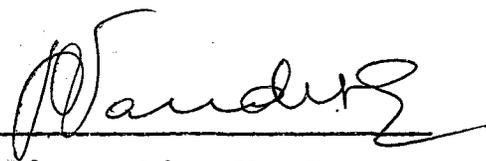
Departamento de Língua e Literatura Vernáculas

"O FUTURO DO PRESENTE NA LÍNGUA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA
UMA COMPREENSÃO

Dissertação submetida à Universidade Federal de
Santa Catarina para a obtenção do grau de Mestre
em Lingüística.

Bibiano Gomes de Almeida Filho
Maio - 1978.

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do grau de Mestre em Linguística, e aprovada em forma final pelo programa de Pós-Graduação.

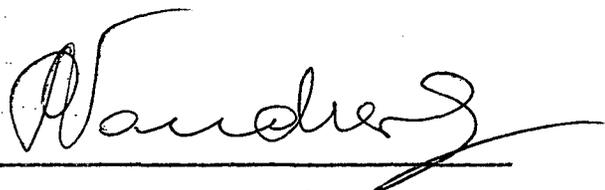


Prof. Paulino Vandresen
Orientador

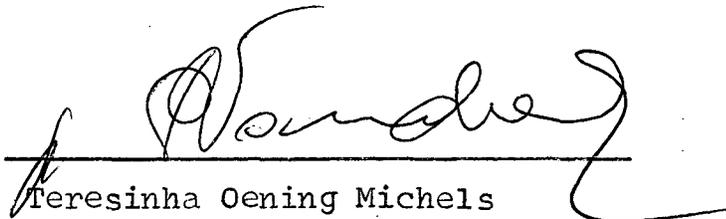


Profa. Maria Marta Furlanetto
Coordenadora do Curso

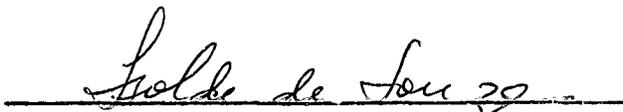
Apresentada perante a Banca Examinadora composta pelos professores:



Paulino Vandresen



Teresinha Oening Michels



Isolde de Souza

Para você, cuja presença
transcende os limites do
geográfico e da tempora-
lidade.

SUMÁRIO

	Página
Simbologia	vi.
Resumo	vii.
Abstract	viii.
INTRODUÇÃO	1.
Notas	6
Capítulo I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	
1.1. Revisão da teoria gramatical não-gerativa	7
1.1.1. Futuro - uma abordagem sincrônica e descritiva	10
1.1.2. O enlaçamento da temporalidade verbal	16
1.2. Pressupostos teóricos da Gramática Gerativa	20
1.2.1. Situação e finalidade da Gramática Gerativa	20
1.2.2. Tarefas da Gramática Gerativa	21.
1.2.3. Componentes da Gramática Gerativa	23
1.2.4. Problemas em torno do Auxiliar em Português	26
Notas	35
Capítulo II: APLICAÇÃO TEÓRICA: REALIZAÇÃO DO TEMPO FUTURO	37
2.1. Realização do Tempo Futuro	37
2.1.1. O comportamento sintático e o advérbio "Amanhã"	37
2.1.2. O comportamento sintático e o advérbio "Depois"	45
2.1.3. O comportametto sintático e o advérbio "Sempre"	47

2.1.4. O comportamento sintático e o advérbio <u>"Agora"</u>	49
2.1.5. O comportamento sintático e o advérbio <u>"Ontem"</u>	52
2.1.6. O comportamento sintático e o advérbio <u>"Hoje"</u>	53
2.1.7. O comportamento sintático e o advérbio <u>"Ainda"</u>	56
2.1.8. O comportamento sintático e o advérbio <u>"Em breve"</u>	58
2.1.9. O comportamento sintático e o advérbio <u>"Este mês"</u>	60
Notas	63
Capítulo III: CONCLUSÃO	65
Bibliografia	69

SIMBOLOGIA

S=	Frase, sentença
LN=	Locução nominal
N=	Nome
L.Pred.=	Locução predicativa
L.Adv.=	Locução adverbial
Adv.=	Advérbio
L.Prep.=	Locução prepositiva
Prep.=	Preposição
Det.=	Determinante
Pré-Det.=	Pré-Determinante
Pós-Det.=	Pós-Determinante
Adj.=	Adjetivo
LV=	Locução verbal
V=	verbo
Aux.=	Auxiliar
Tpo.=	Tempo
Asp.=	Aspecto
Fut.=	Futuro
Pres.=	Presente
M.=	Morfema
DE.=	Descrição Estrutural
ME.=	Mudança Estrutural
SC.=	Símbolo Complexo
⇒	Reescreve-se
*	Sentença agramatical

RESUMO

"O FUTURO DO PRESENTE NA LÍNGUA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA - UMA COMPREENSÃO -" é realmente uma tentativa de dominar as múltiplas articulações do sistema lingüístico do português com relação ao tempo futuro do presente do indicativo.

Embora a Gramática Tradicional apenas apresente a forma cristalizada, estilizada, do futuro do presente (-REI), a língua apresenta outras formas sinônimas construídas com o "tempo presente + advérbio futuro", "tempo presente ou futuro + ir ou haver de".

Na presente dissertação, faz-se uma rápida revisão gramatical, apresentando-se a problemática das categorias de tempo, modo, aspecto, logo após, uma breve exposição da Gramática Gerativa - parte teórica - e depois - parte prática - trabalhando-se com advérbios de tempo - amanhã, depois, sempre, agora, ontem, hoje, ainda, em breve, este mês, próximo mês - chega-se à conclusão de que a Gramática da língua deve dar conta da totalidade das realizações desta mesma língua. Assim sendo, deve, também, subcategorizar o advérbio com traços de tempo <+ presente> , <+ passado> , <+ futuro> , distinguindo, assim, os advérbios de tempo entre si.

ABSTRACT

" O FUTURO DO PRESENTE NA LÍNGUA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA - UMA COMPREENSÃO - " really is an attempt to understand the multiple anuiciations of portuguese linguistic system with relation to the "tempo futuro do presente do indicativo".

However, the traditional grammar only shows the form of the "futuro do presente (-REI)", the language presents other synonymous forms combined grammatically with the "tempo presente ♦ advérbio futuro" , "tempo presente ou futuro ♦ ir ou haver de".

This monograph makes a quick incursion into the traditional grammar showing the problem of categories tense, mode and aspect, a brief explanation about Transformational Grammar - theoretic part - and then working with "advérbio de tempo" - amanhã, depois, sempre, agora, ontem, hoje, ainda, em breve, este mês, próximo mês - concludes that the grammar must serve all uses of this same language. In this case, one must also subcategorize the adverb with qualities of tense: <♦ "presente" > , <♦ "passado" > <♦ "futuro" > , differentiating the adverbs.

INTRODUÇÃO

A presente dissertação visa ser, antes de tudo, uma abordagem sobre a realização de formas verbais com o valor de "Futuro do Presente", ocorrentes no Português contemporâneo. Parte da língua falada, contudo, não abandona a escrita. Não se atém à escrita, uma vez que ela é uma re-elaboração e cristalização da fala e se enche de realidades estilístico-criativas. Não a abandona, pois se trata de um manejo e arranjo do mesmo sistema.

Tentativa de um esforço real de penetrar no domínio e uso da língua e, através da "performance", evidenciar uma "competência" lingüística. Incompleto como trabalho, porém sério, uma vez que persegue entender as articulações do Português contemporâneo sem vinculações diretas com variantes regionais ou estilísticas.

Algumas colocações nasceram como dínamo.

Confesso que, arduamente tentei responder.

A vasta bibliografia sempre, ou quase, fugiu às colocações, de forma que vasculhei e coliguei pensamentos para satisfazer a questões como:

- O Futuro seria uma modalidade e não apenas uma realidade temporal?

- O que determinaria o aparecimento da forma de Futuro seria apenas um registro?

- Estaria o Futuro como aspecto e seria indicado na pré-sentença e depois, por transformações, chegaria à es-

trutura de superfície?

Muitos pontos colocados aqui, ficam em aberto - perspectivas de futuros trabalhos em torno da locução verbal na língua portuguesa.--.

Embora o cerne das preocupações seja a descrição do tempo futuro, não se relega, ainda que apenas como reforço os demais tempos verbais.

O futuro do pretérito, por exemplo, é um tempo condicionalizado do processo verbal. Semanticamente temos:

(1) Eu falo - indicando a certeza e a atualidade do processo verbal.

(2) Eu falarei - trazendo a noção da possibilidade, não atualidade do fato.

(3) Eu falaria - apresentando uma idéia condicionada a outra, no passado.

Agora em:

(4) Eu falo isso amanhã - há a certeza expressa pela forma verbal e o tempo futuro expresso pelo advérbio.

(5) Eu vou falar amanhã - encontramos a certeza e a proximidade indicadas pela locução verbal e a futuridade advinda pelo advérbio.

O Futuro pode não ser fatural, ele é um índice de possibilidade. Essa possibilidade é significativa? Altera de alguma forma o significado da sentença? Se for significativo, é claro, deverá ser assinalado na estrutura pro-

funda, pois as transformações não podem trazer noções novas à estrutura de superfície, elas apenas podem atuar sobre o arranjo estrutural sem nova noção semântica alguma. Em formas como:

(6) Eu lerei amanhã.

(7) Eu leio amanhã

(8) Eu leio hoje.

deve haver, na estrutura profunda, algo que marque a noção de certeza, possibilidade, possibilidade e certeza, como podemos bem constatar nas frases anteriormente mencionadas (1).

Não se foge, também, a algumas considerações de ordem diacrônica, uma vez que - é fato notório - o tempo futuro português é criação românica advindo de

Habere + presente	+	Verbo + infinitivo
-------------------	---	--------------------

gerando o futuro do presente. E

Habere + imperfeito	+	Verbo + infinitivo
---------------------	---	--------------------

dando origem ao futuro do pretérito. Contudo, a tônica incide sobre a visão sincrônica e para tal, perscruta-se a co-ocorrência de advérbios arrolados pela Gramática Normativa como "Advérbios de tempo"

Que advérbios de tempo estariam imediatamente relacionados com o tempo expresso pelo verbo?

Afora a introdução e a conclusão, temos:

Fundamentação teórica seccionada em: Revisão da teoria gramatical não-gerativa - um questionamento do ser da temporalidade verbal - onde se apresenta a visão de tempo exposta pela Gramática descritiva-normativa, tomando-se por representantes gramáticos como: Jeronymo Soares Barbosa, Gustavo de Andrade, Maximino Maciel. A partir desta colocação chega-se a um posicionamento mais específico, mais vinculado com o tema da dissertação, na figura de Mattoso Câmara com o estudo do tempo futuro. Nesta parte, expõe-se, ainda que fragmentariamente, o pensamento de Guillaume, com relação ao verbo - uma espécie de ponte-de-ligação para penetrarmos na realidade filosófica e explicativa da linguística gerativa. Na segunda parte da fundamentação, apresentamos os Pressupostos teóricos da Gramática Gerativa onde se expõem as matizos da teoria da linguística gerativa, a partir do modelo de Aspects, conceituando-se Gramática e evidenciando-se a realidade mental subjacente no ato da fala.

Realização do tempo futuro: tomando-se por base o modelo da linguística gerativa e atento à realidade sincrônica e sínfásica, estuda-se aqui o polimorfismo morfo-sintático-semântico do português, com relação à explicitação da noção de futuro.

Trabalhando-se com os "advérbios de tempo" da Gramática Tradicional, procura-se evidenciar a importância sintática do advérbio na estruturação da sentença como por-

tador da noção temporal, discutindo-se a possibilidade de se dar ao advérbio um valor real e definido no estudo da sintaxe e não apenas um valor de elemento acessório.

NOTA:

(1) Cf. GUILLAUME, Gustave, 1929, pp.30-32.

CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. Revisão da teoria gramatical não gerativa

No seu aspecto prescritivo-normativo, tentando modificar o comportamento lingüístico do falante, a Gramática Tradicional (descritiva-normativa) adota como critério o modelo literário que deverá incidir sobre a fala, pois a sua preocupação visa modificar hábitos lingüísticos. Ela impõe sobre a variedade nativa, um padrão ideal de fala. Daí justificar-se uma gramática como rol de elementos lingüísticos. Em consequência deste posicionamento não há sistematicamente, um posicionamento filosófico diante das realizações lingüísticas, por isso não encontramos tratados exaustivos em relação ao problema ora abordado, daí a dificuldade de se expor uma teoria; encontramos, sim, um que outro escritor que tenta analisar as múltiplas realidades lingüísticas em sua história mais remota, fugindo assim do objetivo imediato da Gramática Normativa.

Nos ativemos neste primeiro tópico a Jeronymo Barbosa, Gustavo de Andrade, Maximino Maciel, por serem os gramáticos mais antigos que encontramos em nossa bibliografia e apresentarem uma preocupação filosófica explicativa das realizações lingüísticas.

Por esta razão, não vamos chamá-los de tradicionais, uma vez que se aproximam, imenso, da preocupação contemporânea de penetração nas articulações lingüísticas.

A realidade tempo surge, na Gramática descritiva como "parte da duração ou existência quer continuada da mesma coisa, quer sucessiva de muitas que se seguem umas às outras" (1). Ou "é a propriedade de que tem os verbos de designar a época em que se realiza a predicação" (2).

Barbosa confirma a existência de apenas três tempos: o presente - tempo em que se fala. O pretérito - tempo que precede ao presente. O futuro - tudo o que se lhe há de seguir.

"Todas estas durações e tempos se podem considerar de dois modos: ou como continuados e não acabados ou como continuados e acabados. Daqui a subdivisão dos mesmos três tempos em imperfeitos ou periódicos, e em perfeitos ou momentâneos.

Os tempos imperfeitos exprimem durações não acabadas, e como estas são outras tantas continuações da existência dentro dos espaços que correm ou até à época da palavra, ou no tempo desta, ou depois dela, formam elas outros tantos períodos, os quais confinam uns com os outros. O período anterior pega com o período atual, e este com o posterior; de sorte que o fim do primeiro é o princípio do segundo, e o fim do segundo é o princípio do terceiro. Daqui vem comunicarem-se mutuamente entre si as línguas dos tempos imperfeitos, a do pretérito e a do futuro com a do presente, como: estava ontem, estava agora, estarei agora, estarei amanhã contigo; e a do presente com ambos os dois, e podermos dizer do pretérito: há muito tempo que sou teu amigo; e do futuro: amanhã sou contigo, amanhã parto.

Não sucede já o mesmo com os tempos perfeitos que exprimem uma existência acabada. As línguas destes não se comunicam. Não posso dizer: tinha sido, terei sido, em lugar de tenho sido; e muito menos, substituir esta linguagem às duas antecedentes. A razão é porque os seus tempos são momentâneos. O que cessa de existir, cessa em um instante do período, ou atual, ou anterior ou posterior, e estes instantes não se tocam com os períodos, para se poder trocar"(3).

Já Maximino Maciel não se preocupa em distinguir a noção de tempo da noção de aspecto - realidade freqüente na abordagem verbal (4) - parece excluir aos outros elementos do sistema a possibilidade real de funcionarem na língua como verdadeiros elementos marcadores - indicadores - da temporalidade da realização do processo, o que não parece

conter em Barbosa. Diz-nos Maciel que "o tempo são as modalidades de duração expressas pelas flexões verbais" (5).

Tanto Andrade quanto Maciel vêem a marca de tempo como exclusividade verbal, aliás, pensamento freqüente em nossas gramáticas. É claro que o verbo nos apresenta a categoria de tempo, mas a língua possui outras formas para a manifestação da temporalidade. Distinto, neste sentido, é o pensar de Silva Júnior e Andrade.

Silva Júnior e Andrade (6), não de forma exaustiva, constataam o uso em várias línguas de forma de presente co-ocorrendo com advérbios de tempo, como "Eu vou amanhã". Diz-nos, ainda, que "chamar ao verbo palavra de tempo, como os alemães (Zeitwort) é pois denominá-lo por um incidente, e não por uma característica essencial, uma propriedade ocasional e não universal." (7).

A meu ver, não representam a palavra tempo, mas são, neste contexto, os elementos portadores da noção temporal.

As gramáticas normativas-descriptivas dão-se apenas ao trabalho de arrolar os verbos e suas flexões, de forma bastante insatisfatória. A língua não é apenas um rol de morfemas é algo bem mais complexo.

Se o tempo só fosse expresso pelas flexões verbais, apenas pelo verbo, como atuaríamos diante de comunicados tipo:

(9) Telefono, hoje, para você.

(10) Telefono, amanhã, para você. ?

As duas sentenças se identificam no âmbito da temporalidade? Nenhum falante nativo admite tal afirmação,

embora, possivelmente diga estar o verbo, em ambas sentenças, no mesmo tempo.

Há uma necessidade premente de se penetrar no mecanismo complexo da língua, sobretudo em suas articulações vivas, não apenas para se constatar, depreender os fatos, mas sim, tentar explicações, indicar o "porquê" e o "como" as coisas acontecem.

Quanto à problemática do aspecto, sabemos, de acordo com o Mestre Mattoso, ser ele a "propriedade que tem uma forma verbal, de designar a duração do processo(...). O aspecto coexiste ao lado da categoria de tempo, constituindo com esta, um sistema complexo de categorias verbais, em que, conforme a língua, predomina o aspecto ou o tempo" (8).

Por outro lado, define a categoria de tempo como situação de ocorrência de um determinado processo, em relação ao momento em que se fala (19).

Como nossa preocupação em relação ao tempo é o Futuro, os outros tempos ocorrerão em função deste, e nunca independentes ou isolados.

1.1.1. Futuro - uma abordagem sincrônica e diacrônica.

Creio oportuno apresentar aqui, ainda que rapidamente, a visão do professor Mattoso sobre o tempo futuro (10). O centro de suas preocupações recai sobre o futuro do pretérito, mas não deixa de referir-se à problemática verbal como um todo. Apresentando o problema de forma e denominação da forma, diz-nos que no estudo de uma forma gramatical, a necessidade de denominação impõe um primeiro contato com o plano dos significados lingüísticos. Há em todo rótulo, em toda

denominação de determinada forma, por mais convencional que seja, subintenções categóricas.

Afirma-nos em relação ao futuro do pretérito:

"O problema da nomenclatura é, no caso, particularmente delicado e controvertido, porque se trata de uma forma que é criação românica e não foi por isso considerada pela tradição gramatical greco-latina. Do contrário, teríamos um nome mais ou menos satisfatório ou inexpressivo, ou impróprio, mas radicado na gramática e possível de ser aproveitado com maior ou menor modificação de seu sentido primeiro.

Mais generalizadamente preenche, hoje, a lacuna o termo de condicional, que para logo define as formas verbais em apreço como características de um "modo" de realização do processo verbal, e, não do "tempo" de sua ocorrência" (11).

A denominação de condicional é decorrência da focalização de um modelo frasal, em que, nas línguas românicas, figura a forma em -RIA: o de uma correlação em que a frase assertiva toma o aspecto de uma apódose condicionada por uma prótase condicionante:

"Se eu fosse o homem mais rico do mundo

(S1)

compraria todas estas casas".

(S2)

A apódose (S2) está vinculada, dependente da condição oracional da prótase (S1), e por isso, não pode ocorrer sozinha.

O futuro do pretérito, em português, não pode

formar frase isolada, ao passo que o futuro do presente sim.

(11) Eu viria, se pudesse.

(12) Eu viria hoje.

A sentença (12) independente, isolada, sem um contexto condicionalizador, torna-se totalmente agramatical.

A tentativa de mais claramente acentuar a distinção de ordem lógica dentro do esquema condicional de ~~cor-~~relação, levou, por outro lado, alguns gramáticos a denominarem como "modo irreal" em vez de, menos precisamente "condicional" as formas verbais em -RIA. Pensou-se expressar mais incisivamente assim a realidade da apódose, decorrente da falta da "conditio sine qua non" apresentada na prótase. Ao mesmo tempo, são abarcadas desta sorte construções de condição implícita ou até vagamente entrevista onde a admissão de uma elipse da prótase tem a maior eiva de artificialismo de análise.

O conceito de irrealidade pode ser, por sua vez, absoluto ou relativo.

No exemplo anteriormente dado - "Se eu fosse o homem mais rico do mundo, compraria todas estas casas" - o fato se torna impossível devido à condição absurda - "Se eu fosse o homem mais rico do mundo" -. Já no exemplo (11) não há condição e simples impossibilidade dentro de uma ordem de eventos.

Por um extremo de logicismo se supera de um modo irreal um "potencial" ou "eventual", ou dada a predominância deste último tipo se adota o nome de "modo potencial" ou "modo eventual" para as formas verbais em -RIA.

A visão histórica-gramatical do século XIX sugere

riu uma diretriz classificatória na base da construção mórfica:

- RIA < aglutinação de HABEBA- > -IA +
INFINITIVO

- REI < HABE- > -EI + INFINITIVO

Daí o termo "Futuro do Pretérito" e "Futuro do Presente".

Outros teóricos, preocupados com uma sistematização sincrônica, partilharam a denominação com a mais adequada à sua compreensão categórica. Dentro do esquema de frase condicional - focalizando-se o Português, por exemplo, a forma em -RIA, mesmo não se aplicando fatualmente ao passado, está em correspondência com o futuro subjuntivo da prótase, impõe na apódose o futuro propriamente dito do indicativo:

(13) Se eu tivesse dinheiro, compraria esta casa.

(14) Se eu tiver dinheiro, comprarei esta casa.

Por outro lado, tem-se na forma verbal em -RIA um emprego meramente temporal, para oração integrante, de que a escola gramatical francesa fizera, praticamente, abstração ao firmar-se no conceito de "modo condicional". E ainda aqui deparamo-nos com o paralelismo entre a forma em -RIA e a do futuro em -REI, e com a circunstância de ser a correspondência com um indicativo pretérito o que sintaticamente determina a escolha daquela forma:

(15) Diz que virá sem falta.

(16) Disse que viria sem falta.

Tal foi a posição que assumiu entre nós Said Ali (12).

A Gramática histórica pusera em foco a gênese de natureza temporal pretérita das formas em -RIA. Partindo desta pista para a interpretação gramatical sincrônica, a exegese descritiva ressaltou a função integrante, que em permanente vivência nas línguas românicas fora obnubilada pela ênfase posta na colocação do condicional. Gramáticos franceses do século XVII já a tinham, aliás, destacado ao lado da função condicional, mas não atentaram para a distinção os seus continuadores de orientação lógico-normativa; quer filiados ao logicismo francês de Port Royal, quer à escola inglesa de Stuart Mill e Alexandre Bain.

Agora, a Gramática descritiva vê as formas verbais em -RIA em seu emprego meramente temporal.

De um lado, conservou-se o conceito de condicional, esporadicamente substituído pelo de irreal, potencial ou eventual, e de outro lado, levou-se em linha de conta o conceito de futuro do passado, ou futuro do pretérito. Tal é em Português o critério de Epiphânio Dias, que para o futuro do passado, considera a mais o seu aspecto de processo não concluído, à maneira de pretérito imperfeito, em que se filia geneticamente, designando-o como futuro imperfeito do pretérito (13).

Há uma interferência do modo na categoria de tempo. As formas temporais assimilam inevitavelmente uma matriz modal na base de compreensões complexas que tem, para a mente humana, as noções de tempo, passado e futuro.

"Só o presente, a rigor, se coaduna exatamente, sempre, com o modo de percepção objetiva, que é o alcance específico do indicativo. Em relação

à categoria de modo, podemos dizer que é ele a forma "não marcada" em face de formas "marcadas" do passado e do futuro. É que o passado e o futuro, não raro, se matizam de certos conceitos modais secundários, que podem tirar às formas verbais pretéritas e futuras o caráter de asserção franca: para uma intuição temporal primária, como assinala Cassirer, "o todo da consciência e seu conteúdo se distribuem, por assim dizer, em dois âmbitos: um brilhante, iluminado pela luz do "presente", outro envolvido na obscuridade"(14)".

Em relação ao futuro, o caráter modal ainda é mais nítido e, se pode dizer, pacificamente compreendido e aceito, embora não se tenha tirado daí todas as inferências que o fato comporte. Pode-se mesmo adiantar que a intromissão da dúvida, da mera potencialidade, da expectativa, do anelo, da volição com a idéia de futuro é constante na linguagem espontânea. Sem subintenções subjuntivas, potenciais, optativas, imperativas, o tempo futuro, para a asserção franca, se realiza essencialmente pela forma do presente.

Com efeito, a divisão temporal em termos de linguagem não é basicamente tripartida em presente, passado e futuro, como aparece à sistematização gramatical algo sofisticado das línguas ocidentais modernas. O que há primordialmente é uma dicotomia entre presente e passado. Linguisticamente, porém, não há a rigor um presente estritamente lógico, pois raro coincide com o momento exato da fala em que se faz referência. Não podemos entender este presente lingüístico como uma abstração matemática estrita, e sim como um "agora" psicológico, abarcando todos os conteúdos que podem intuir-se como unidade temporal imediata e considerar-se numa unidade elementar da experiência, possui em si certa duração, prolongando-se ao longo da memória concreta imediata.

O tempo presente é essencialmente cursivo, e

este seu aspecto é que lhe completa o sentido lingüístico em última análise. O presente é a forma de indicativo por excelência. O passado, às vezes, e o futuro, em regra, podem complicar-se, por isso com noções modais complementares.

1.1.2. O enlaçamento da temporalidade verbal

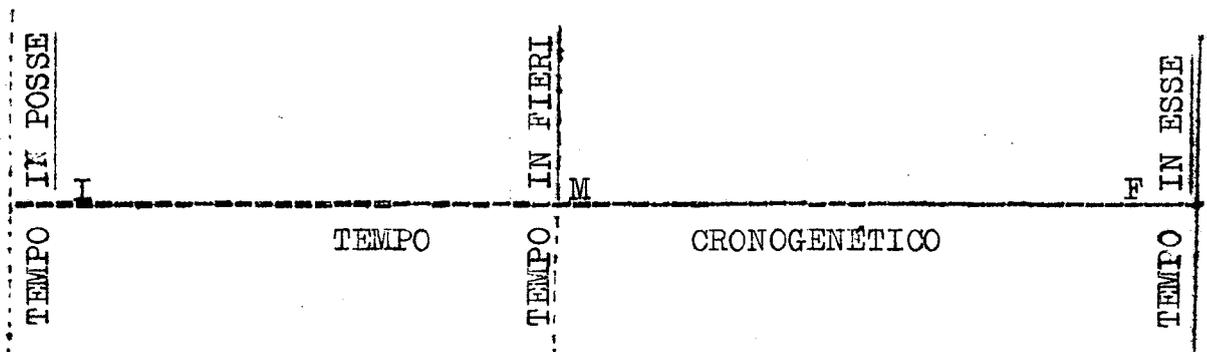
O presente abarca o futuro na categoria temporal. Para o processo que se vai dar, o sujeito falante prolonga a atualidade em que vive, e o futuro se resolve lingüisticamente em presente.

Guillaume(15) em sua preocupação filosófica, atento à realidade mentalista do sistema, parece deixar bem claro este problema(16).

Pelo fato de ser uma operação mental, a formação da imagem-tempo pode estar relacionada a um eixo a uma curta duração de tempo que se representa linearmente.

Guillaume chama a este eixo de "eixo do tempo cronogenético" e a operação que se desenvolve daí de "cronogênese".

Eis a representação gráfica do eixo do tempo cronogenético, feito por Guillaume (17).



O tempo cronogenético é dividido em três pontos: inicial, médio e final. Cada um marca um instante característico da formação imagem-tempo. A imagem-tempo em cada um destes pontos tem três instantes: tempo in posse, tempo in fieri e tempo in esse.

O tempo in posse - formas nominais - localiza-se no instante inicial, a cronogênese não se operou ainda, e-la está em poder de operar apenas.

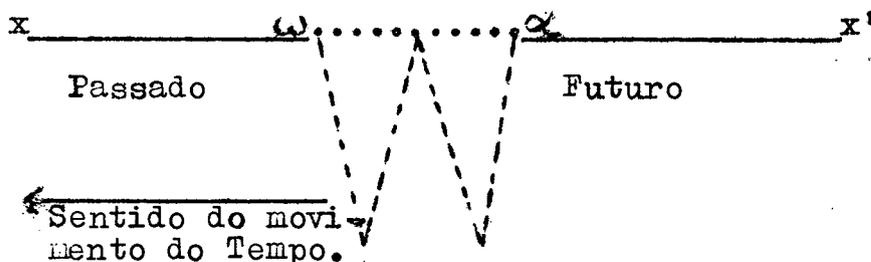
No instante médio - intermediário entre o inicial e final - a cronogênese tem mais ou menos operado e a imagem de tempo tomada em tal posição se apresenta em formação no espírito.

No momento final, a cronogênese terminou a operação e a visão tomada deste instante corresponde à imagem tempo acabada descrita no começo.

O tempo in fieri se prende às formas subjuntivas.

O tempo in esse se divide em três épocas: futuro, presente e passado. Esta divisão resulta do recorte do tempo pela visão no momento em que, sob a ação realizadora desta, a imagem-tempo, até então amorfa, toma no espírito a forma linear.

"No presente, o recorte do tempo é duplo: tem-se, de um lado, a separar o presente do passado e, de outro, a separar o futuro.(...)"



(...) o presente se compõe no espírito por uma parte do instante que acaba de se realizar e por parte do instante que vai acontecer. São os dois cronotipos constitutivos do presente. (...)

A justaposição destes dois cronotipos é uma condição necessária da concepção de presente. Com um único corte do tempo ao nível do passado o presente não se distinguiria do futuro. Com um único corte ao nível do futuro o presente não se distinguirá do passado.

Ela é, além disso, uma condição suficiente. Desde o instante em que os dois cronotipos ω e α se justapõem no espírito, a época linguística resultante é o presente e não pode ser outra, seja qual for a verdadeira época. O que se concebe é uma parcela de passado, uma parcela de futuro; reunidas estas duas parcelas só podem dar um tempo que não será nem futuro, nem passado, isto é, presente" (18).

O presente seria a convergência, a confluência da temporalidade passado-futuro. O eixo da epocalidade.

"...O último instante do futuro, incidindo no presente, não está menos apto que o primeiro instante, do passado, decaindo do presente, a fornecer o ponto de demarcação das duas épocas" (19).

Na teoria do futuro não se pode esquecer o fato de estar em jogo uma época feita de tempo que não existe realmente. Essa época deve ser imaginada e suposta o mínimo possível, em benefício de sua realização máxima.

Deparamo-nos com duas realidades na construção do futuro:

Período hipotético - um período de construção durante o qual o pensamento se esforça em reduzir, o quanto possível, o elemento hipotético que a noção de futuro comporta.

Período categórico - corresponde à visão do futuro realizado com o mínimo de hipótese.

Representemos o período hipotético por um intervalo H _____ h , onde H significa o máximo de hipótese e h equivale ao mínimo de hipótese. E configuremos o período categórico por um intervalo h _____ x' .

O máximo de hipótese H , marca o momento em que o futuro, bastante indeterminado como tal para poder se distinguir do presente entra em oposição direta com o passado. Sua posição coincide com o limite que marca a saída do presente e a entrada no passado.

x _____ H P. hipotético = Constituição do futuro h _____ x'
 (20).

Se o futuro se determina no espírito em nível h , mínimo hipotético, adquire toda a realidade que a época futura pode comportar, se apresenta, em uma palavra, como futuro categórico. A gramática portuguesa o denomina "futuro do presente".

Se o futuro se determinar em nível H , máximo hipotético, ele adquire uma característica de realidade fraca e se apresenta como futuro hipotético. É o futuro do pretérito apoiado e subordinado ao passado.

As colocações de Guillaume nos aproximam das preocupações da lingüística gerativa, pois o que ele faz é tentar detectar o sistema que suporta a estrutura lingüística.

"O esquema sublingüístico é, com efeito, o único lugar da língua onde uma forma possa ser percebida e definida em sua compreensão integral: é aí somente que ela pode ser apreendida antes de ter sido objeto de qualquer aplicação e, conseqüentemente, em potência de todas as aplicações que dela se pode requerer. Considerada no discurso real, uma forma jamais representa apenas um dos empregos para os quais está apta; emprego este que permanece particular de qualquer forma; se é geral, porque esta generalidade o distingue dos empregos mais particulares; se é particular, porque esta particularidade o distingue dos empregos mais gerais" (21).

1.2. Pressupostos teóricos da Gramática Gerativa

1.2.1. Situação e finalidade da Gramática Gerativa

A lingüística gerativa-transformacional, com bases cartesianas, procura evidenciar a realidade mental subjacente à conduta concreta da língua. Chomsky - figura central deste modelo de abordagem - retorna à lingüística clássica de Port-Royal a Wilhelm Von Humboldt, revitalizando-a e formalizando-a com noções de lógica matemática, teoria da comunicação, informática, filosofia, psicologia... A língua é tomada não como um produto de hábitos associados mas sim, um processo dinâmico e criativo.

Seu posicionamento científico-racionalista se distancia do método indutivo que preso a corpus definido segmenta e classifica os dados, os fatos, não admitindo qualquer extrapolação ou conclusão não alicerçada nos dados apresentados.

A lingüística gerativa assume um posicionamen-

to de natureza explicativa e não apenas constatativa. Procura explicar os fenômenos da linguagem e não apenas descrevê-los ou arrolá-los. Visa constuir uma gramática que caracterize e exponha de maneira precisa as habilidades do falante-ouvinte nativo de uma língua.

O racionalista valoriza e enfatiza o aspecto criador. A hipótese ocupa o espaço ilimitado do corpus definido - há de se convir que todo corpus por maior que seja será sempre finito.

O conceito de Gramática da lingüística gerativa não é o sentido greco-latino de normatividade, ou seja, "a arte de bem falar e escrever", mas sim, o mecanismo finito capaz de gerar um conjunto infinito de sentenças gramaticais e apenas gramaticais. Associando para cada sentença a sua descrição estrutural, interpretação semântica e fonológica.

1.2.2. Tarefas da Gramática gerativa

A Gramática é um modelo da competência lingüística do sujeito falante e tem como tarefas:

- a. Dar conta de que frases aparentemente semelhantes são compreendidas de modo diferente pelo falante.
- b. Dar conta de que frases aparentemente diferentes em sua composição fonética tem a mesma estrutura em determinado nível.
- c. Dar conta da ambigüidade sintática.
- d. Ver a relação entre os elementos mesmo que não sejam imediatamente seguintes.
- e. Dar conta de todos os tipos de frases da língua.

- f. Descrever como os elementos da língua estão subcategorizados.
- g. Descrever as relações de seleção.

Por outro lado, a lingüística gerativa entende por competência, tudo o que o falante nativo de uma língua sabe implicitamente. É o sistema gramatical virtualmente presente em cada cérebro de cada falante nativo. A competência do nativo pode ser expressa idealmente por um sistema de regras que relacionam seqüências fônicas às suas interpretações semânticas. A competência inclui as seguintes habilidades:

- a. Distinguir uma sentença gramatical de uma agramatical.
- b. Distinguir as funções dentro da sentença.
- c. Distinguir sentenças sinônimas.
- d. Distinguir sentenças ambíguas.

À atuação da competência em cada ato da fala dá-se o nome de "Performance".

Na tentativa de manifestar a realidade total da língua, a lingüística gerativa postula entre outros pontos a necessidade de se abordar o fenômeno lingüístico, não apenas em seu aspecto externo, como também interno. Assim, teríamos duas estruturas: a estrutura profunda - aspecto interno -, abstrata, subjacente, que determina a interpretação semântica da sentença, e a estrutura de superfície - indicador sintagmático derivado final - que nos revela como expressar toda informação contida na estrutura profunda, como comunicar mensagens numa linguagem humana.

A estrutura profunda se relaciona à estrutura de superfície através das transformações. As transformações convertem as estruturas profundas em estruturas de superfície.

1.2.3. Componentes da Gramática Gerativa

O verdadeiro objeto da teoria gerativa, longe da mera observação e constatação descritiva, é chegar à estrutura imamente da linguagem humana.

A Gramática Gerativa consta de três componentes: Sintático, semântico e fonológico.

O componente sintático: capaz de gerar um número infinito de sentenças. Este componente é constituído de dois subcomponentes: a base e as transformações.

A base, por seu lado, se divide em uma parte categorial - que define as combinações dos símbolos categoriais, fornecendo a descrição estrutural para cada sentença, as regras de estrutura frasal - e uma parte lexical - que fornece as entradas lexicais, é o dicionário da língua, onde as palavras são definidas por traços fonológicos, sintáticos e semânticos.

O léxico substitui os símbolos categoriais por morfemas.

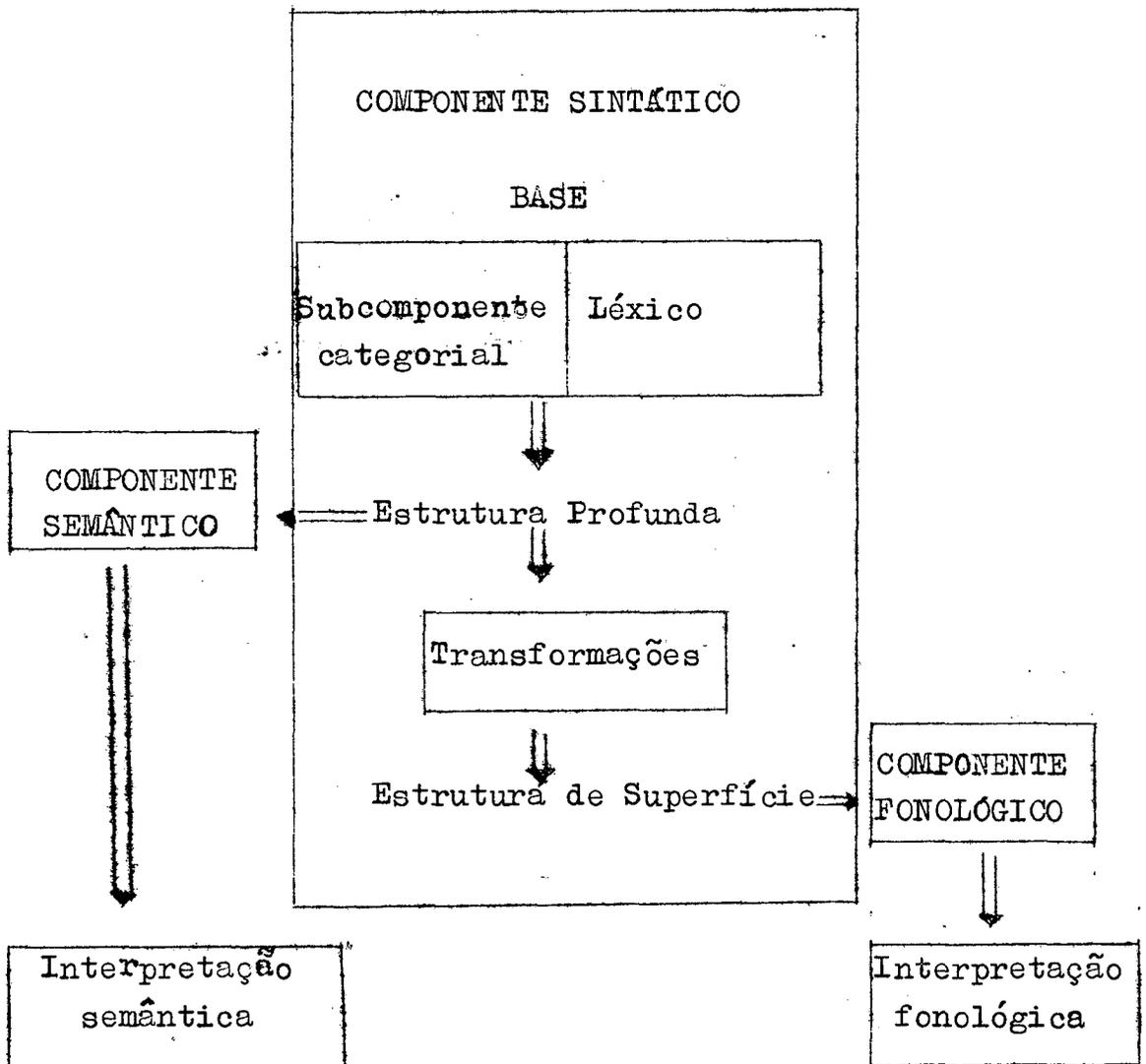
O subcomponente transformacional consiste em regras que convertem as estruturas profundas em estruturas de superfície. A estrutura profunda seria o aspecto da descrição sintática que determina a interpretação semântica da oração. A estrutura superficial, por sua vez, seria o indicador sintagmático derivado final. Cada estrutura de superfície manifesta uma estrutura profunda subjacente da qual é derivada pela aplicação de regras sintáticas e escolha de elementos do léxico.

Componente semântico: interpreta as relações subjacentes em cada sentença. O componente semântico atua sobre a estrutura de superfície. É o componente semântico

que interpreta as estruturas sintáticas em termos de sentido. Atribui uma significação às estruturas engendradas pela sintaxe.

O componente fonológico: parte da gramática que se preocupa com os segmentos mínimos indivisíveis significativos no sistema, descrevendo-os através de traços. O componente fonológico - também interpretativo - comporta certo tipo de regras que operam sobre a estrutura sintagmática derivada de uma sentença. Atua sobre a estrutura de superfície.

Graficamente assim configuramos a Gramática:



O subcomponente categorial consistem num sistema de regras para a geração de sentenças da língua. Chomsky, propõe em "Aspect of the theory of syntax" as seguintes regras sintagmáticas:

(R.1) S \Rightarrow LN + L. PRED.

(R.2) L. PRED. \Rightarrow AUX + IV + (Lugar) + (tempo)

(R.3) IV \Rightarrow $\left\{ \begin{array}{l} \text{CÓPULA} + \text{L.ATRIBUTIVA} \\ \text{V} + \left\{ \begin{array}{l} (\text{LN}) + \text{L.Prep.} + (\text{modo}) \\ \text{S} \\ \text{L.ATRIBUTIVA} \end{array} \right. \end{array} \right\}$

(R.4) L. ATRIBUTIVA \Rightarrow $\left\{ \begin{array}{l} \text{ADJETIVO} \\ \text{LN} \end{array} \right\}$

(R.5) L. Prep. \Rightarrow Preposição + LN

(R.6) V \Rightarrow SC

(R.7) LN \Rightarrow (Det) + N + (S)

(R.8) N \Rightarrow SC

(R.9) [+Det -] \Rightarrow + [Contável]

(R.10) [+Contável] \Rightarrow [± animado]

(R.11) [+N, +-] \Rightarrow [± animado]

(R.12) [+Animado] \Rightarrow [± humano]

(R.13) [-Contável] \Rightarrow [± abstrato]

(R.14) [+V] \Rightarrow SC/a + AUX - (Det + b) onde

A= N

B= N

(R.15) ADJETIVO \Rightarrow SC

(R.16) AUX \Rightarrow Tempo + (Modal) + (aspecto)

(R.17) Det \Rightarrow (Pré-Art.) + Art. + (Pós-Art)

(R.18) ART \Rightarrow [± Definido]

O que nos interessa no momento aqui, é a reescritura do constituinte Auxiliar, uma vez que a problemática do tempo futuro está aí inserida.

A reescritura do Auxiliar traz para o Português alguns problemas. Ater-me-ei um pouco, aqui, fazendo algumas colocações a partir do exposto pela professora Eunice Pontes(24).

1.2.4. Problemas em torno do Auxiliar em Português

A professora Eunice Pontes, em sua tese de livre docência, discute o problema do Modal - verbos que carregam a noção de tempo e exigem o infinitivo - em Português: mandar, poder, dever. Propõe que eles sejam analisados como verbos comuns. Não há, segundo a autora, modais em Português. Os verbos classificados como tal são perfeitamente encaixados nos verbos transitivos diretos ou indiretos. Para chegar a esta conclusão, aplica, sobretudo, argumentos sintáticos.

Por ser esta uma contribuição para o estudo da Gramática portuguesa, creio oportuno apresentar ainda que sucintamente suas idéias-chaves, por haver uma implicação séria com a reescritura do Auxiliar proposta por Chomsky-65.

Numa sentença como: "João comprou o livro", podemos substituir a forma "comprou", por outras como: está comprando, vai comprar, tem comprado. Daí notamos que:

- a. O primeiro elemento é que se flexiona.
- b. O segundo elemento é sempre uma forma não finita (gerúndio, particípio, infinitivo).
- c. A seleção da forma não-finita vai depender do verbo antecedente.
- d. Cada verbo destes pode ser substituído por um número limitado de verbos.
- e. Encontramos seqüências de até quatro verbos encadeados (ou cinco, no caso da passiva):

"Devemos ter estado comprando", "Deve ter estado sendo comprado".

- f. Há uma ordem na seqüência que se pode combinar: (Lever -R) + (Ter -do) + (Estar -ndo).

Não se pode trocar as posições dentro da seqüência. A passiva é sempre a última forma, portanto, depois de "estar -ndo".

Depois do morfema de tempo, seguem os verbos que se combinam com o infinitivo e que podem aparecer nesta posição sintática.

O problema encontrado em Português é o fato de que nem sempre os verbos que se combinam com infinitivo podem ser considerados como modais, pois formam uma oração subordinada. Exemplo: "O homem declarou ter estado estudando".

Em Português, a classe que mais parece se encaixar na regra do Auxiliar é Ter -do. Suas características:

- a. Posição fixa na seqüência verbal. Entre modal e Estar -ndo.
- b. O particípio que se combina com Ter fica invariável.
- c. Quando a oração é passiva permanece na mesma posição.
- d. Ter -do funciona como uma unidade em relação a tempo, tendo seus adjuntos temporais de acordo: "João tem estudado ultimamente".

O adjunto temporal pode mudar de posição, sem com isso alterar o significado da sentença. Refere-se à seqüência verbal como um todo.

- e. A unidade da seqüência se vê também pela negação que se refere à seqüência como um todo.

- f. A restrição de seleção vigora entre o sujeito da oração e o verbo principal, Ter não interfere.
- g. Ter combina-se com qualquer verbo.

Estes são os critérios para se classificar um verbo como auxiliar.

Para mostrar que realmente as orações de infinitivo que seguem a "Mandar" não formam com ele uma locução verbal, Eunice Pontes opera a transformação passiva: "O homem mandou o soldado prender o ladrão" - "O homem mandou o ladrão ser preso pelo soldado."

A flexão do infinitivo evidencia sua pertença a outra oração: "Dom Braz mandou seus homens saírem de perto".

O fato de o infinitivo poder flexionar-se, concordando em número com seu sujeito, em desacordo com o verbo causativo, mostra como, sintaticamente, ele não forma com tal verbo uma unidade sintática, um sintagma.

O uso da negação: "João mandou você não divulgar este fato". "João não mandou você divulgar este fato".

A mudança do elemento de negação altera a significação da sentença.

Quanto ao comportamento semântico do verbo mandar: o modal é definido como um verbo semanticamente secundário que apenas auxilia a conjugação do verbo principal. Função gramatical: carregar os morfemas de pessoa, número, tempo. O verbo principal tem um sentido lexical, enquanto o modal tem um sentido gramatical.

Quanto às restrições seletivas, o verbo auxiliar não pode influir na seleção do sujeito, que é uma seleção léxica. não gramatical.

Se "mandar" fosse um modal, não deveria influir na seleção do sujeito: "A pedra caiu". *"A pedra mandou cair".

O verbo "mandar" não ocorre impessoalmente como acontece com Ter-do: "Tem chovido". *"Manda chover".

"Mandar" constrói-se no imperativo o que não ocorre com os auxiliares: "Manda saírem todos". *"Tem saído todos".

Numa oração em que aparece "Ter-do", a indicação de tempo é uma só: "João tem estudado ultimamente". Com "Mandar" isto não ocorre: "Ontem, João mandou você ir à escola hoje". O advérbio que aparece no final está ligado ao segundo verbo e não ao primeiro. Mais uma evidência de que o causativo com o infinitivo não formam uma unidade, mas estão em orações distintas.

Há também a correlação de formas verbais. "João manda que você saia", já *"João manda que você saísse" se torna agramatical, pois há restrição entre presente e imperfeito do subjuntivo.

"Mandar" não admite o advérbio de tempo passado na segunda oração, quando na primeira se tem presente: *"João manda você sair ontem", *"João quer que você saia ontem".

A oração que se subordina a "mandar" é independente deste verbo, no que diz respeito a tempo, se não totalmente, pelo menos parcialmente.

"Mandar" não se enquadra nem sintaticamente, nem semanticamente na definição de auxiliar modal.

Do ponto de vista da Gramática Transformacional, postula-se a mesma estrutura profunda para "Mandar + infini-

tivo" e "Mandar + que". O fato de infinitivo ter um sujeito próprio tem que ser explicitado na Estrutura profunda.

"Mandar", "deixar", e "fazer" devem ser analisados do mesmo modo. São verbos que admitem como objeto uma oração que na estrutura de superfície pode-se apresentar com infinitivo ou subjuntivo (que + subjuntivo). Com "mandar" o sujeito é sempre diferente, mas com "deixar" e "fazer" seguidos de infinitivo é possível haver identidade de sujeito nas duas orações.

Said Ali arrola como "auxiliares sensitivos": "ver", "ouvir", "sentir". Estes verbos têm como dependente uma forma infinitiva com sujeito próprio com o qual podem concordar. Tem ainda sujeito animado e objeto nominal. São por conseguinte verbos transitivos e o infinitivo que os completa forma uma oração subordinada substantiva objetiva. Da mesma forma os assim chamados por ele de "auxiliares modais": desejar, odiar, abominar, querer, tentar, buscar, pretender, ousar, atrever-se, conseguir, lograr, saber, vir, haver de, ter que, dever, precisar, poder, parecer, ir, começar a, por-se a, tornar-se, voltar a, costumar, acabar de, todos seguidos de infinitivo. Aplicando, praticamente, os mesmos argumentos sintáticos utilizados na análise do verbo "mandar", Eunice Pontes conclui que estes verbos se comportam como **verbos comuns** e não como auxiliares. O infinitivo dependente destes verbos deve ser analisado como formador de oração subordinada.

Explicito aqui, apenas, o "poder" e "dever" que são sempre considerados como modais - talvez pela comparação implícita ou explícita com os modais ingleses "can" e "may".

Eunice Pontes apresenta as seguintes características que fazem de "Poder" um possível verbo auxiliar-modal:

- a. Constrói--se com infinitivo sempre impessoal.
- b. Exige identidade de sujeito.

- c. Não se constrói com oração subordinada iniciada por "que".
- d. Apassiva-se do mesmo modo que "Ter-do".

Tudo isso sugere que "Poder" é um modal que entra perfeitamente na regra de reescritura do Constituinte Auxiliar:

Aux \implies Tempo + (Modal+R) + (Ter-do) + (Estar-ndo)

Mas há os seguintes problemas:

- a. "Poder" (como Mandar) aparece também em outras posições além de depois de "tempo": João tem podido cantar", "João está podendo cantar".
- b. A multiplurivocidade de "poder!": "João pode comprar flores". "Poder" apresenta como significados: 1. Ter poder. 2. Ter permissão. 3. Ser possível. "Poder" 1. não admite sujeito inanimado concreto: * "A pedra pode cair". Não se combina com verbos impessoais: "Pode chover". "Poder" 2. ocorre no imperativo, não ocorre com verbos que indiquem fenômenos atmosféricos, nem seguidos de ser (impessoal): "Podem me revistar", * "Amanhã pode haver aula", * "Pode chover". "Poder" 3. é um verbo que pode ter seleção de tempo diferente do verbo principal: "João pode ter comprado flores ontem". Admite sujeito oracional. Podemos negar o infinitivo, independente de "Poder!": João não pode ter saído", "João pode não ter saído".

Dever é semelhante a *Poder* em muitos traços:

- a. Não admite oração de "que".

- b. Constrói-se apenas com infinitivo impessoal e seu objeto é sempre o mesmo do infinitivo.
- c. Apassiva-se como "Poder".
- d. Ocorre em combinação com "Ter-do" e "Estar-ndo".
- e. Difere de "Poder" por não aparecer em combinação com "Ter-do" e "Estar-ndo", senão em primeiro lugar.
- f. Não ocorre no pretérito perfeito.
- g. Dever é ambíguo: "João deve estudar". Há duas possíveis interpretações: 1. ter obrigação e 2. ser provável. "Dever" 1. não admite sujeito inanimado, não se combina com verbos que indicam fenômenos atmosféricos, não aparece em construção com "Ser (impessoal)", "que + subjuntivo", não admite sujeito abstrato...: * "A pedra deve cair", * "Deve chover", * "Deve ser que haja aula", * "A sinceridade deve assustar o menino". "Dever" 2. não apresenta vinculação entre o tempo em que figura o verbo "Dever" e o infinitivo que dele depende: "João devia estudar hoje". Possibilita dupla negação: "João não deve ter estudado", "João deve não ter estudado".

A maior parte dos verbos classificados como auxiliares, devem ser analisados como verbos que têm orações como objeto, a outra parte é de verbos que devem ser analisados como tendo uma oração por sujeito. Há verbos que apresentam as duas possibilidades. Por isso o infinitivo passou a ser uma parte do problema mais geral da complementação.

Eunice Pontes, de acordo com Lakoff, considera a complementação como sendo caso ou de sujeito ou de objeto oracional. É um problema de subordinação, portanto. Temos orações que se encaixam dentro de outras, presas às orações principais através de um marcador de subordinação que pode ser "Que" ou, morfema de infinitivo: "Vejo que João estuda",

"Vejo João estudar".

A base deverá também dar conta de sentenças como: "O fato de Maria estudar me surpreende".

As estruturas profundas das orações infinitivas e as de "que" são as mesmas. Para que se diferenciem na estrutura de superfície atuam as seguintes transformações:

- a. Marcadores de complementação: infinitivo e que + subjuntivo.
 1. Inserção do que.
 2. Mudança do morfema marcador de complementação. São alternativas: transformação de infinitivo ou transformação de subjuntivo.
- b. Outras transformações. Tendo qualquer uma das estruturas já mencionadas deve passar ainda por outras transformações para chegar à estrutura de superfície:
 1. Transformação de supressão do sujeito idêntico.
 2. Transformação de passiva.
 3. Transformação de extra-posição.
 4. Transformação de substituição do "pro" (25).
 5. Transformação de supressão do "pro".

O léxico dará para cada verbo também o tipo de morfema marcador de complementação que admite, como também se admite oração como sujeito ou objeto, se admite sujeito animado, objeto abstrato...

Cada verbo apresentado como auxiliar seguido de infinitivo é analisado detalhadamente pela Professora Eunice Pontes para se poder chegar à conclusão final de que, na realidade, em Português, eles não podem ser considerados como auxiliares-modais.

A partir daí, colocamos como problema a rees-

critura do Constituinte Auxiliar como

Aux \implies Tempo + (Aspecto)

E o tempo será reescrito como:

Tempo \implies $\left\{ \begin{array}{l} \text{Presente} \\ \text{Passado} \\ \text{Futuro} \end{array} \right\}$

NOTAS

- (1). BARBOSA, Jeronymo, Soares, 1881, p.132.
- (2). ANDRADE, Gustavo de. 1917, p.75.
- (3). BARBOSA, Jeronymo Soares, op. cit. pp.132-141.
- (4) Cf. VASCONCELLOZ, A. G. Ribeiro de., ano? , pp.135-136.
SAID ALI, M., 1927, pp. 69-96.
JUCÁ FILHO, Cândido, 1943, pp. 41-54.
BECHARA, Evanildo., 1968, pp.125-185.
- (5) MACIEL, Maximino., 1914, p.178.
- (6) SILVA JUNIOR, Pacheco da. e ANDRADE, Lameira de., 1913.
- (7) idem, ibidem, p.146.
- (8) MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim., 1968, p.60.
- (9) Cf. CARRETER, F. Lazaro, 1961, pp.63-64.
- (9) MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim, 1968, p.348.
- (10) MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim, 1967.
- (11) MATTOSO CAMARA JR., Joaquim, 1967, pp.3-4.
- (12) SAID ALI, M. 1930.
- (13) Cf. DIAS, Augusto Epiphânio da Silva, 1970.
- (14) MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim. 1967, p.20.
- (15) GUILLAUME, Gustave. 1929.
- (16) É certo que Guillaume trata de falante-ouvinte real, numa comunidade real, conseqüentemente heterogênea - diferente de Chomsky que estuda a competência de um falante-ouvinte ideal, numa comunidade ideal, homogênea.

Não é esta a dualidade que me prende aqui:

comunidade homogênea X comunidade heterogênea, ou, comunidade real X comunidade ideal, mas sim, a apresentação de uma análise lingüística que visa penetrar o todo da comunicação, a realidade filosófica ou o posicionamento frente à língua. Isto me parece próximo em Chomsky e Guillaume. Ambos estão preocupados em fazer uma abordagem do sistema que extrapola a mera constatação.

Por isso não os vejo em oposição, mas em complementação. De um lado, o gerativismo sintático e de outro a realidade semântica.

- (17) GUILLAUME, Gustave. 1929, p.9.
- (18) idem, ibidem, pp.51-52.
- (19) idem, ibidem, p.53.
- (20) idem, ibidem, p.59, fig.13.
- (21) idem, ibidem, pp.122-123.
- (22) CHOMSKY, Noam, 1965 - Tradução espanhola, p.104.
- (23) PONTES, Eunice, 1973.
- (24) Por "Pro" entende-se elementos como "algo", "alguém"...

CAPÍTULO II:

APLICAÇÃO TEÓRICA: REALIZAÇÃO DO TEMPO FUTURO

2.1. Realização do tempo futuro

Tomaremos, a seguir, algumas frases coligidas da linguagem coloquial e procuraremos evidenciar a problemática do "Futuro do Presente" com suas sinonímias e com a seleção adverbial. Convém frisar que abandonaremos as formas apresentadas pela Gramática Normativa como "Tempos compostos", pois acreditamos haver uma nova carga semântica na passagem dos assim rotulados "tempos compostos" para os respectivos "tempos simples". Nos ateremos, também, apenas às formas do indicativo.

Apresentamos nove grupos de frases, com advérbios diferentes, movidos pela preocupação da co-ocorrência de advérbio e morfema de tempo.

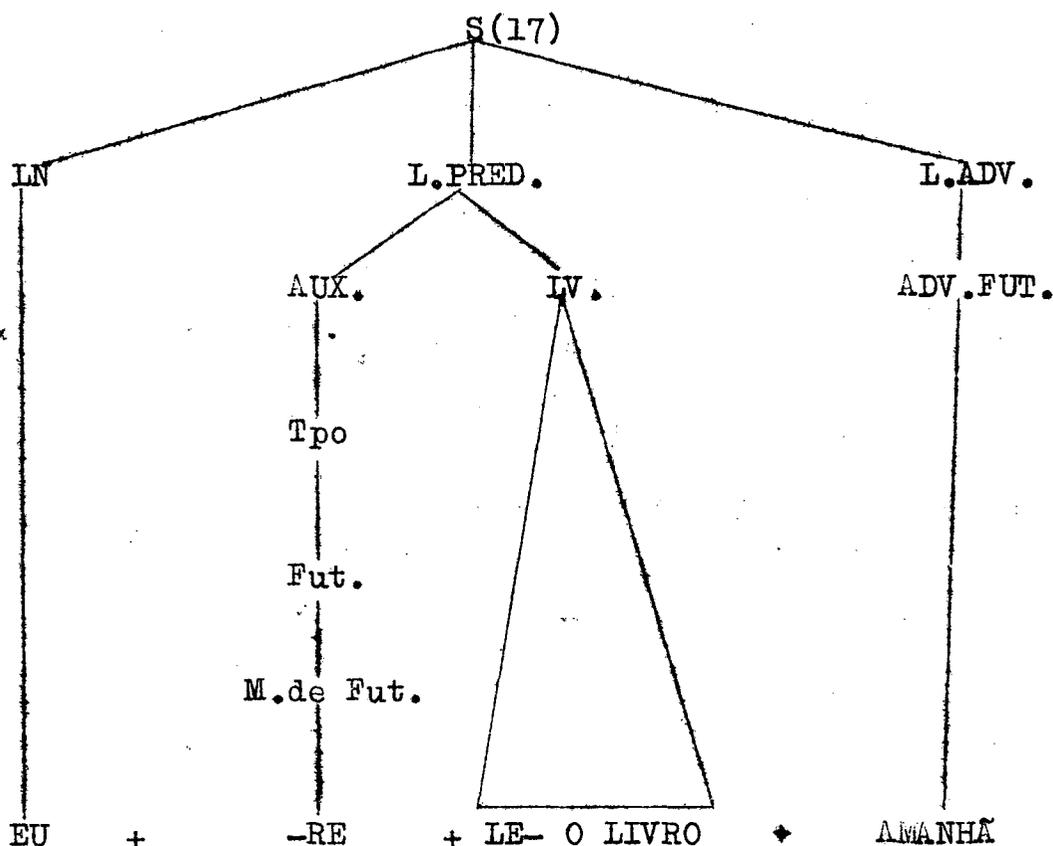
2.1.1. O comportamento sintático e o advérbio
"Amanhã"

O primeiro grupo de frases gira em torno do advérbio "Amanhã":

- (17) "Lerei o livro, amanhã".
- (18) Leio o livro, amanhã".
- (19) Vou ler o livro, amanhã".
- (20) Hei de ler o livro, amanhã".
- (21) Irei ler o livro, amanhã".

(22) "Haverei de ler o livro, amanhã".

Diagramando-as, estruturalmente, e evidenciando-lhes a representação subjacente, de forma simplificada deste grupo de sentenças, temos:



Contudo, se da sentença 17 retirarmos o advérbio, em termos de temporalidade, a frase não perde nada.

S17) "Lerei o livro".

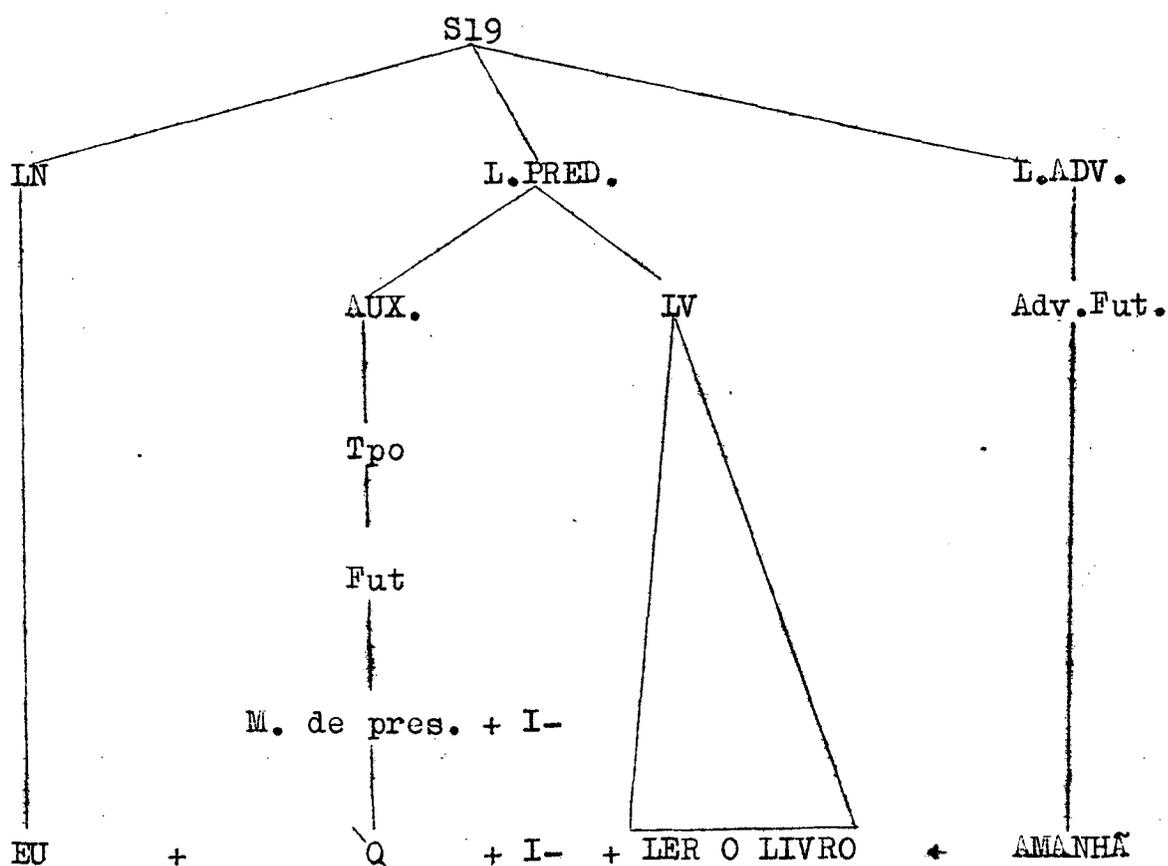
Em S17' há a mesma futuridade que em S17(1).

Assim sendo, para tornar mais abrangente a regra, reescreveremos o Futuro como:

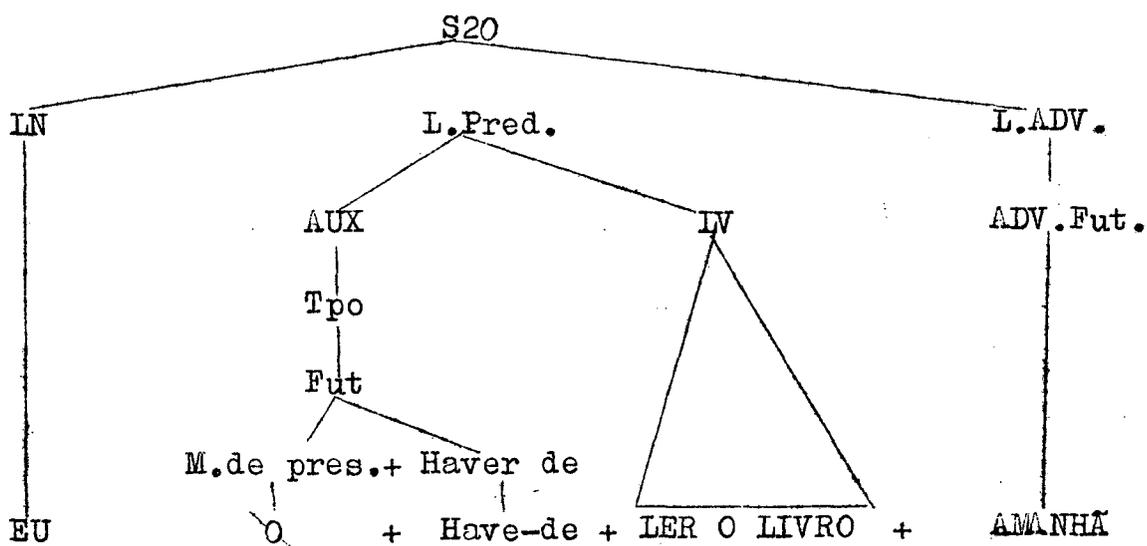
Fut. ~~→~~ M. de fut. + (adv) + verbo

Assim economizaríamos regras e com a **indicação**

Para S19, teríamos a seguinte diagramação:



S19 e S20 apresentam estruturas bem similares



Convém notar que tanto para S19 como para S20, o uso do advérbio é facultativo, pois a noção de futuro, com certeza já vem explicitado no morfema verbal(2).

Teríamos então para S19 a seguinte regra geradora:

Fut. \implies M.de pres. + ir + adv. + verbo

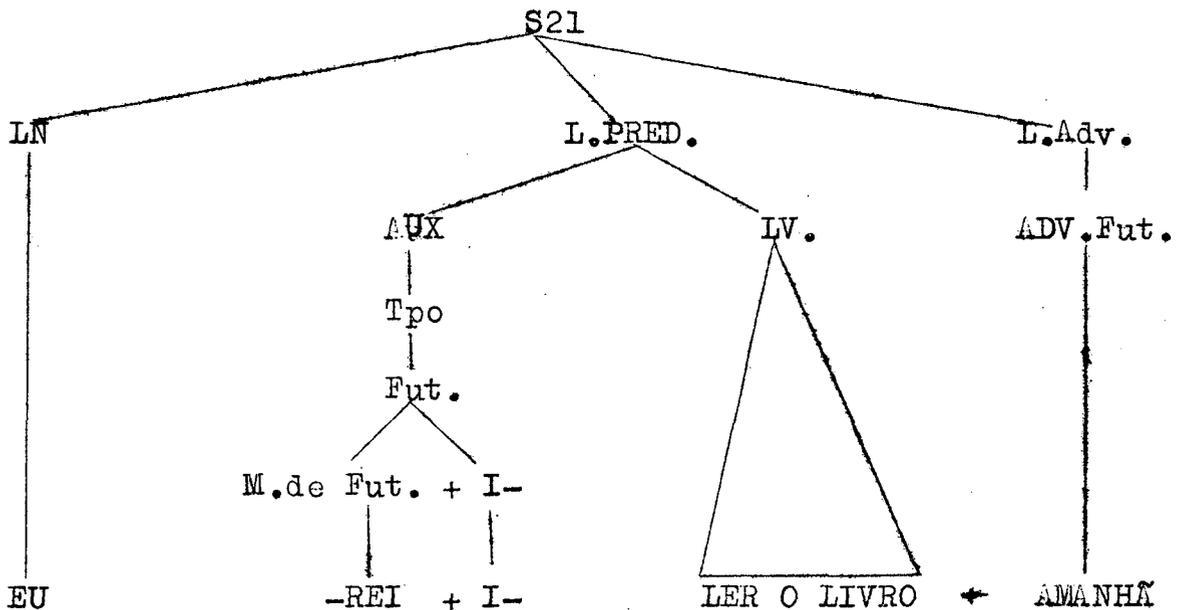
E para S20 temos:

Fut. \implies M. de pres. + haver de + verbo + adv.
 (1) + (2) + / (3) + (4)

Assumindo o advérbio como possibilidade de ocorrência, temos a regra simplificada para:

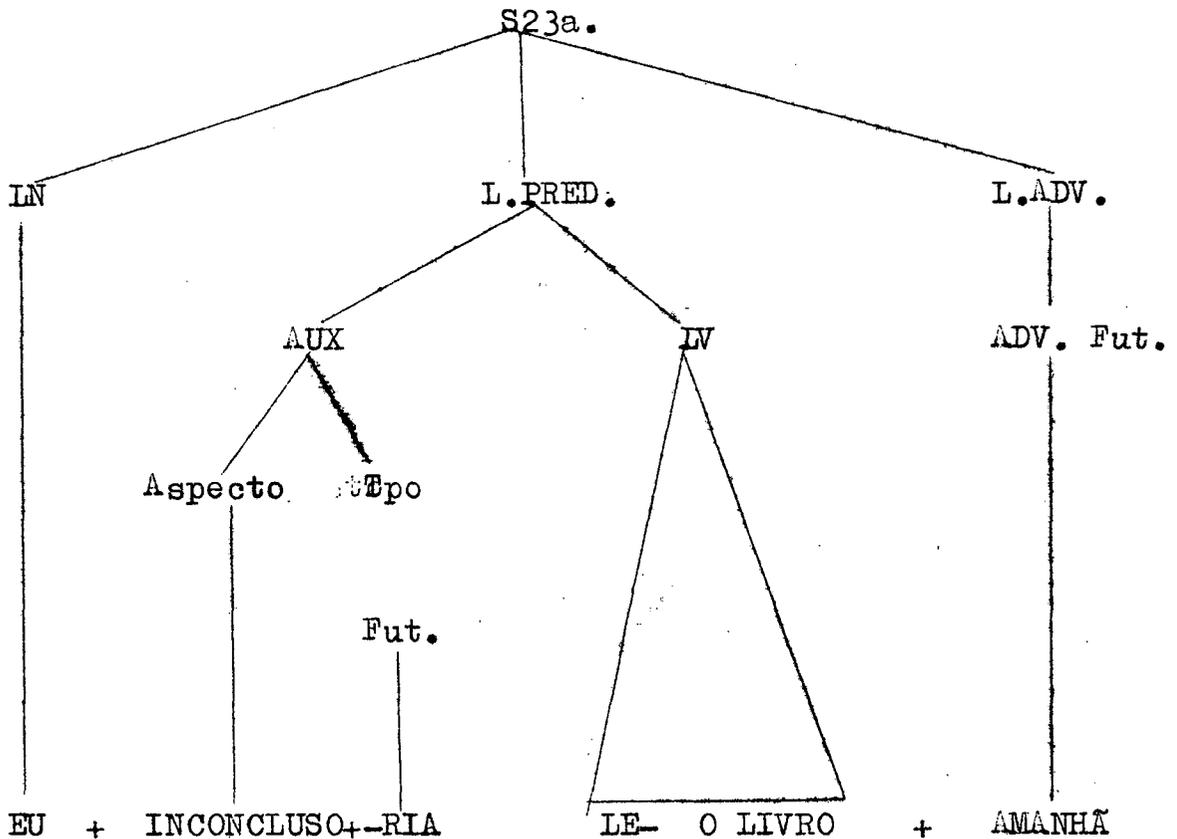
Fut. \implies M. de pres. + $\left[\begin{array}{c} \text{ir} \\ \text{haver de} \end{array} \right]$ + (adv) + verbo

Da mesma forma temos para S21 e S22:

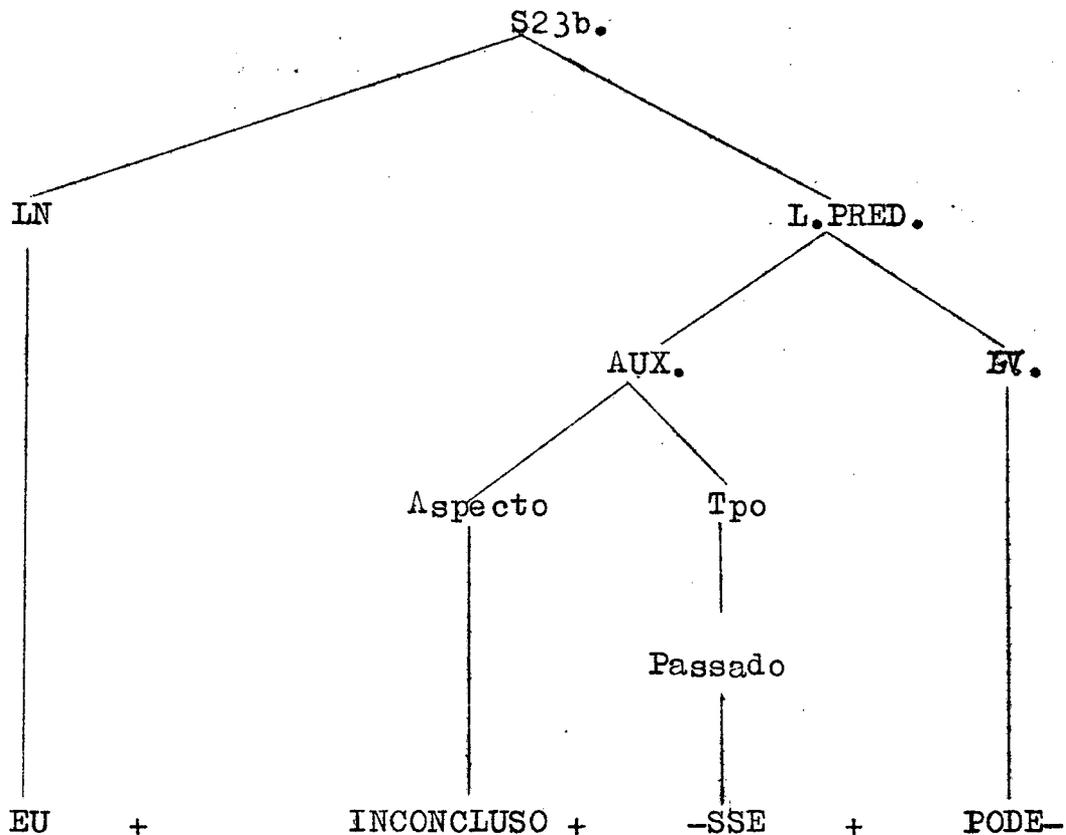


- S23. "Leria o livro, amanhã, se pudesse."
 S24. "Lia o livro, amanhã, se pudesse".
 S25. "Ia ler o livro, amanhã, se pudesse".
 S26. "Havia de ler o livro, amanhã, se pudesse".
 S27. "Iria ler o livro, amanhã, se pudesse".
 S28. "Haveria de ler o livro, amanhã, se pudesse".

Assim temos para S23, a seguinte estrutura:



S23a. funciona como apódose de S23b. cuja estrutura evidenciamos a seguir:



Através de uma transformação de encaixe as duas sentenças se subordinam. A sentença 23a. exige, para se tornar gramatical e aceitável pelo nativo, a presença de S23b.

Sentenças como:

*S29. "Li o livro, amanhã".

*S30. "Lia o livro, amanhã".

são totalmente agramaticais devido à impossibilidade de co-ocorrência da temporalidade passada expressa através do morfema verbal e a futuridade advinda com o advérbio. Insistimos no fato de que S30 só passa a ser gramatical, se houver um traslado do valor temporal imperfeito por futuro do pre-

térito, e uma prótase elíptica.

A propósito, insisto na distinção feita por Guillaume entre passado e futuro: o que caracteriza e constitui a essência do futuro em oposição ao passado é a inclusão da hipótese inerente sem a qual o futuro não é futuro. Portanto, é da hipótese que serão feitas, no nível de incidência, a carga da época, e no nível de decadência, a sobrecarga acrescida. Quando se trata de futuro, a carga e sobrecarga da época se avaliam em hipótese. Em fórmula teríamos: R (carga de realidade inerente ao passado), H (carga de hipótese inerente ao futuro), Q (sobrecarga acrescida da mesma natureza que a carga).

R= Pretérito perfeito

RQ= Pretérito imperfeito

H= Futuro do presente

HQ= Futuro do pretérito(3)

Um verbo no imperfeito se refere a um processo ou a um estado tem um pé no já-realizado e outro numa realização ainda não resolvida por completo. As formas se bipartem entre uma incidência percebida em realização e uma decadência realizada. Estará para se ter o pretérito perfeito, concluso, não aceitar a decadência, por menor que seja esta decadência(4).

2.1.2. O comportamento sintático e o Advérbio "Depois"

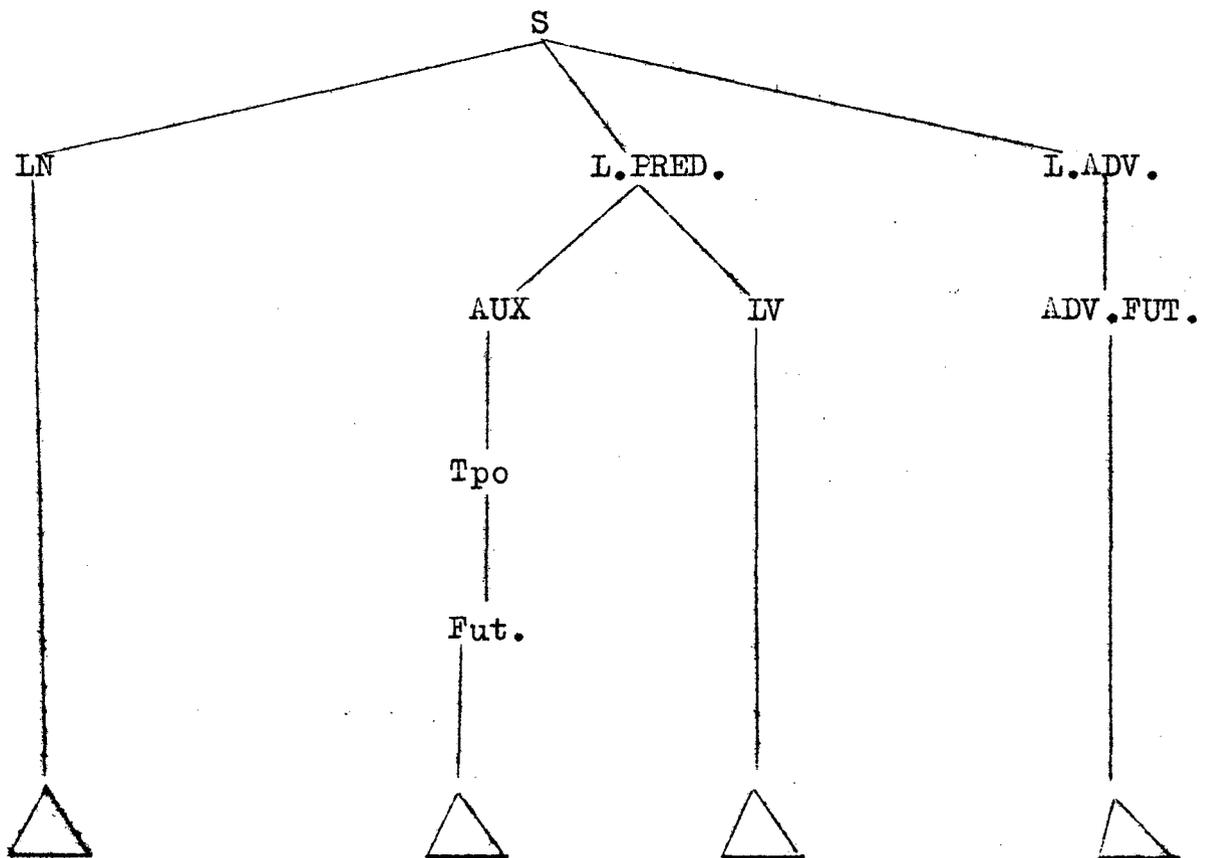
Passemos para o seguinte grupo de sentenças:

S31. "Depois você lhe entregará o presente".

S32. "Depois você lhe entrega o presente".

- S33. "Depois você vai lhe entregar o presente".
 S34. "Depois você há de lhe entregar o presente".
 S35. "Depois você irá lhe entregar o presente".
 S36. "Depois você haverá de lhe entregar o presente".

Encontramos, aqui, os mesmos tipos de estrutura que no primeiro grupo, apenas diferenciados na seleção léxica. Onde ocorria o advérbio "Amanhã" ocorre o advérbio "Depois". Assim temos:



A diferença entre as frases está na seleção de uma das formas de expressão de futuro que a língua oferece

ao falante. Fato idêntico às sentenças do primeiro grupo (S23, S24, S25, S26, S27, S28) ocorre em:

- S37. "Depois você lhe entregaria o presente, se pudesse".
 S38. "Depois você lhe entregava o presente, se pudesse".
 S39. "Depois você ia lhe entregar o presente, se pudesse".
 S40. "Depois você havia de lhe entregar o presente, se pudesse".
 S41. "Depois você iria lhe entregar o presente, se pudesse".
 S42. "Depois você haveria de lhe entregar o presente, se pudesse".

Ao passo que as sentenças

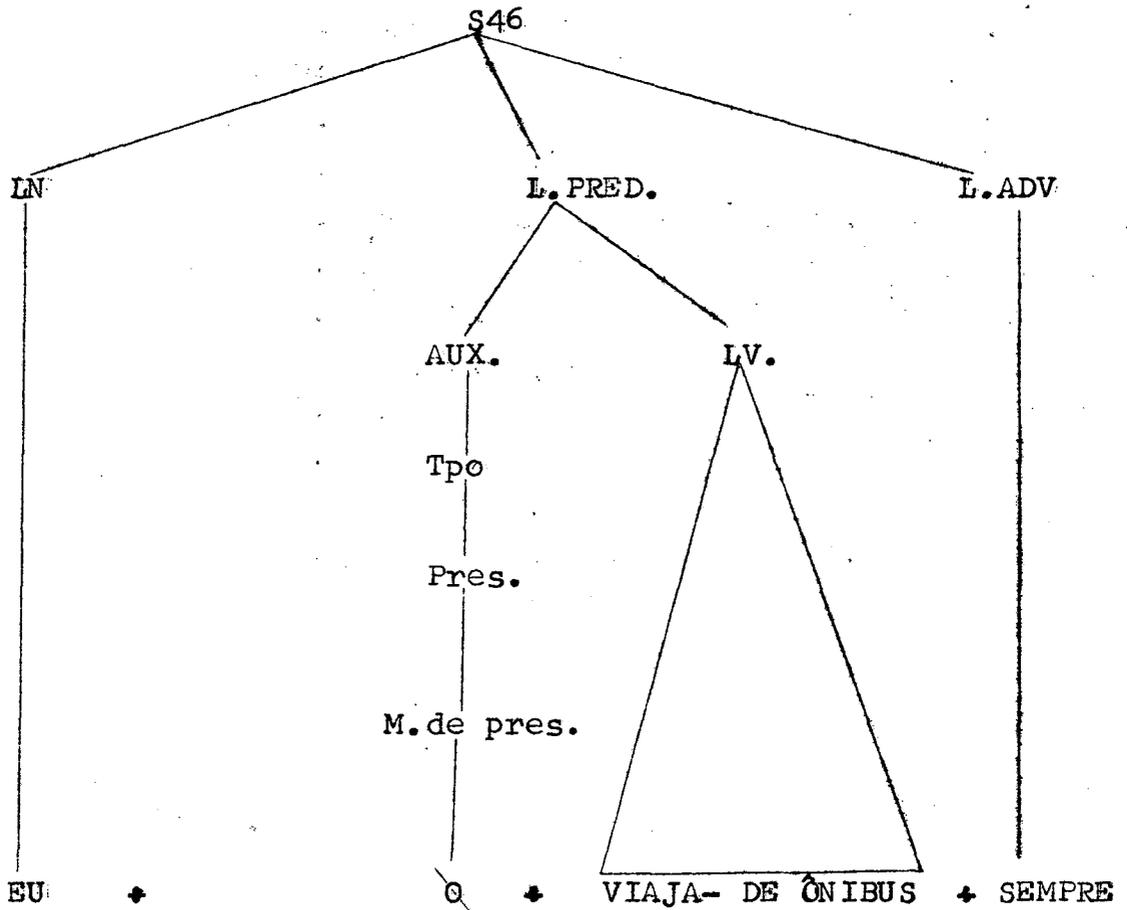
- *S43. "Depois você lhe entregou o presente".
 *S44. "Depois você lhe entregava o presente"

se tornam, se absolutas, agramaticais, uma vez que, nomenclalmente, "Depois" projeta a realização do processo verbal para o futuro. S43 e S44 apresentam uma temporalidade bem definida de passado, impossibilitando a co-ocorrência do advérbio futuro(5).

2.1.3. O comportamento sintático e o advérbio "Sempre".

Veamos um outro grupo de sentenças, desta vez estruturado com o advérbio "sempre".

- S45. "Sempre viajarei de ônibus".
 S46. "Sempre viajo de ônibus".
 S47. "Sempre vou viajar de ônibus".



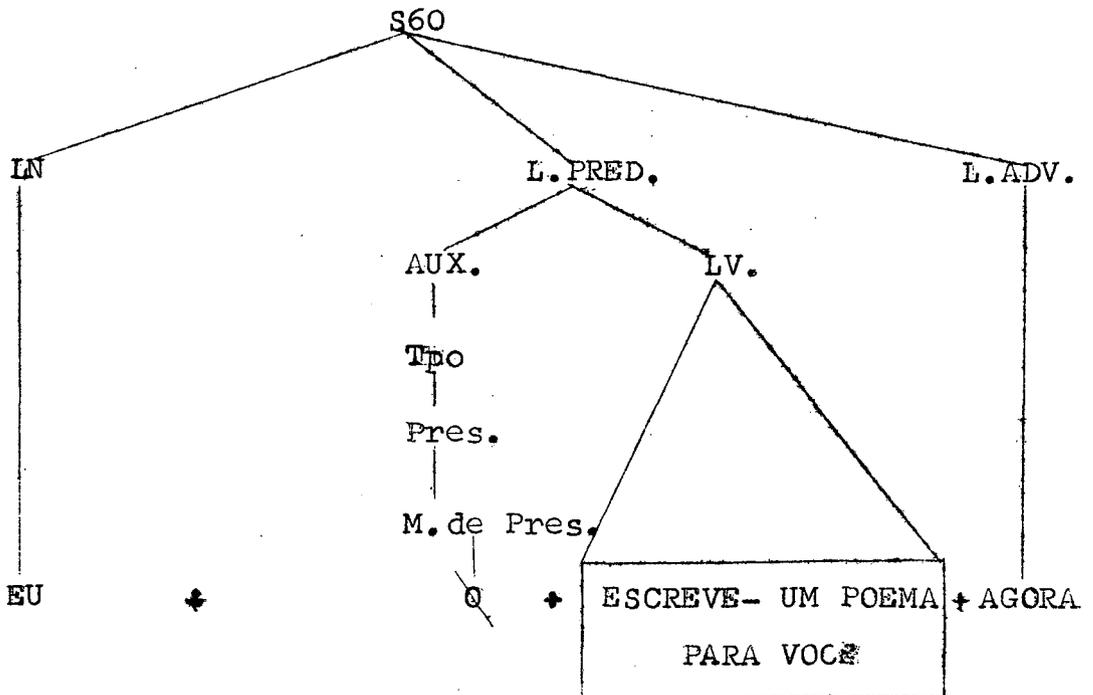
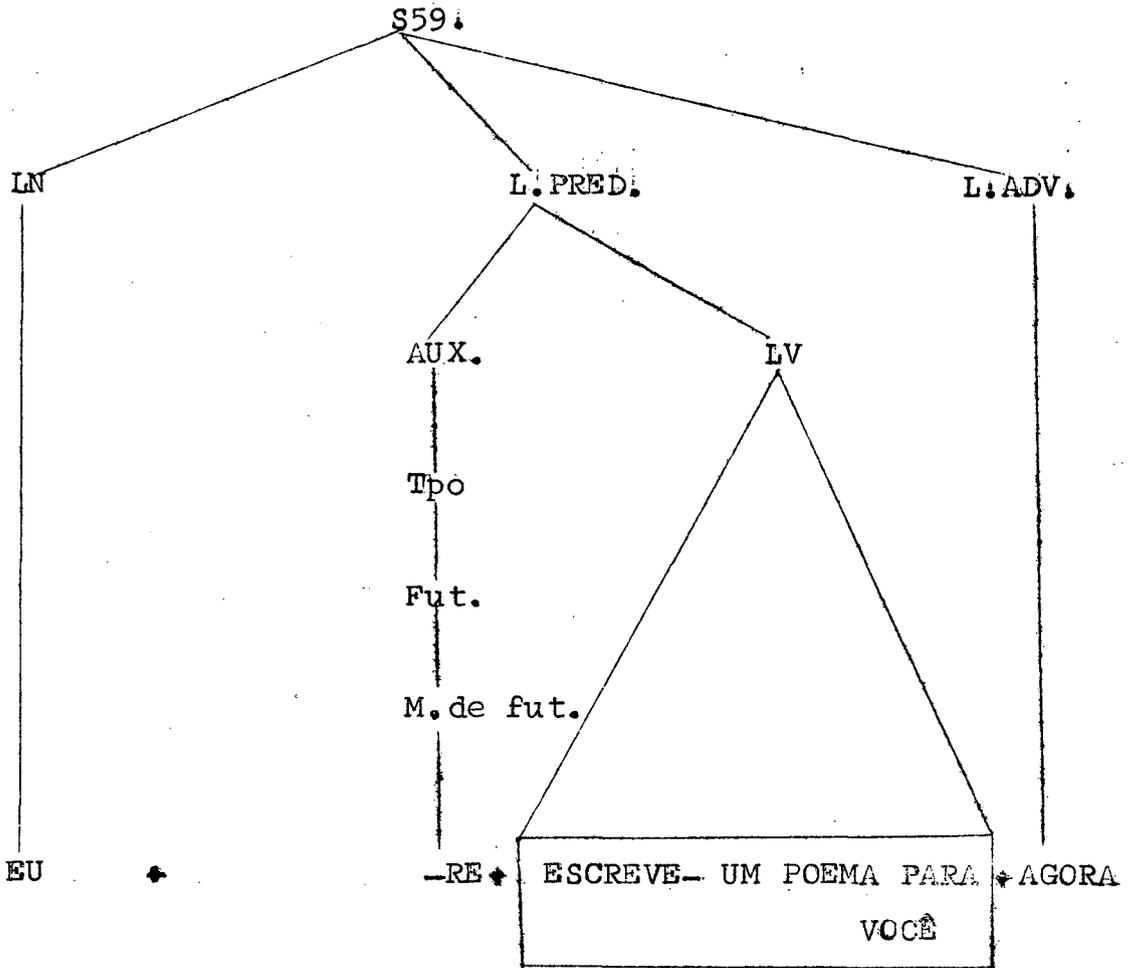
Assim se evidencia a diferença de S45 e S46 com relação ao Constituinte Auxiliar. Em termos de temporalidade, temos dois tempos claramente marcados pelo verbo: futuro e presente. O "presente" só poderá ser sinônimo do "futuro" quando nos traços do advérbio houver o traço <= futuro>, caso contrário, não.

2.1.4. O comportamento sintático e o advérbio "Agora"

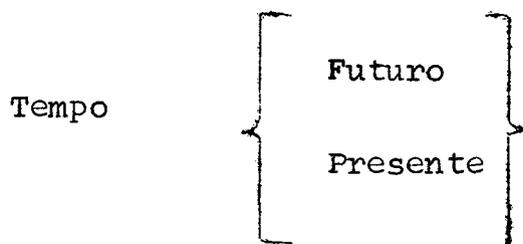
O quarto grupo de sentenças se aproxima bastante do grupo anterior. São frases construídas em torno de

"Agora".

- S59. "Agora escreverei um poema para você".
- S60. "Agora escrevo um poema para você".
- S61. "Agora vou escrever um poema para você".
- S62. "Agora hei de escrever um poema para você".
- S63. "Agora irei escrever um poema para você".
- S64. "Agora haverei de escrever um poema para você".
- S65. "Agora escreveria um poema para você, se minha inspiração estivesse à flor dos olhos."
- S66. "Agora escrevia um poema para você, se minha inspiração estivesse à flor dos olhos".
- S67. "Agora ia escrever um poema para você, se minha inspiração estivesse à flor dos olhos".
- S68. "Agora havia de escrever um poema para você, se minha inspiração estivesse à flor dos olhos".
- S69. "Agora iria escrever um poema para você, se minha inspiração estivesse à flor dos olhos".
- S70. "Agora haveria de escrever um poema para você, se minha inspiração estivesse à flor dos olhos".
- S71. "Agora escrevi um poema para você".
- *S72. "Agora escrevia um poema para você".(6)



Temos, assim, duas regras distintas, em relação ao tempo de S59 e S60.



Futuro \implies M. de Fut. + verbo

Presente \implies M. de Pres. + verbo

Conseqüentemente as sentenças S59 e S60 não são sinônimas.

2.1.5. O comportamento sintático e o advérbio "Ontem".

Passemos para uma nova série, desta vez com sentenças estruturadas na base do advérbio "ontem". Devido à precisão do advérbio, é marcado claramente com o traço (<+ passado>), só se tornam gramaticais as sentenças estruturadas com verbo que também tragam o traço de <+ passado>.

- *S73. "Ontem participarei à Olívia a minha nova residência".
- *S74. "Ontem participo à Olívia minha nova residência".
- *S75. "Ontem vou participar à Olívia minha no-

- *S76. "Ontem hei de participar à Olívia minha nova residênciã".
- *S77. "Ontem irei participar à Olívia minha nova residênciã".
- *S78. "Ontem haverei de participar à Olívia minha nova residênciã".
- S79. "Ontem participaria à Olívia minha nova residênciã, se me dessem condições para tanto".
- S80. "Ontem participava à Olívia minha nova residênciã, se me dessem condições para tanto".
- S81. "Ontem ia participar à Olívia minha nova residênciã, se me dessem condições para tanto".
- S82. "Ontem havia de participar à Olívia minha nova residênciã, se me dessem condições para tanto".
- S83. "Ontem iria participar à Olívia minha nova residênciã, se me dessem condições para tanto."
- S84. "Ontem haveria de participar à Olívia minha nova residênciã, se me dessem condições para tanto".
- S85. "Ontem participei à Olívia minha nova residênciã".
- *S86. "Ontem participava à Olívia minha nova residênciã". (7)

2.1.6. O comportamento sintático e o advérbio

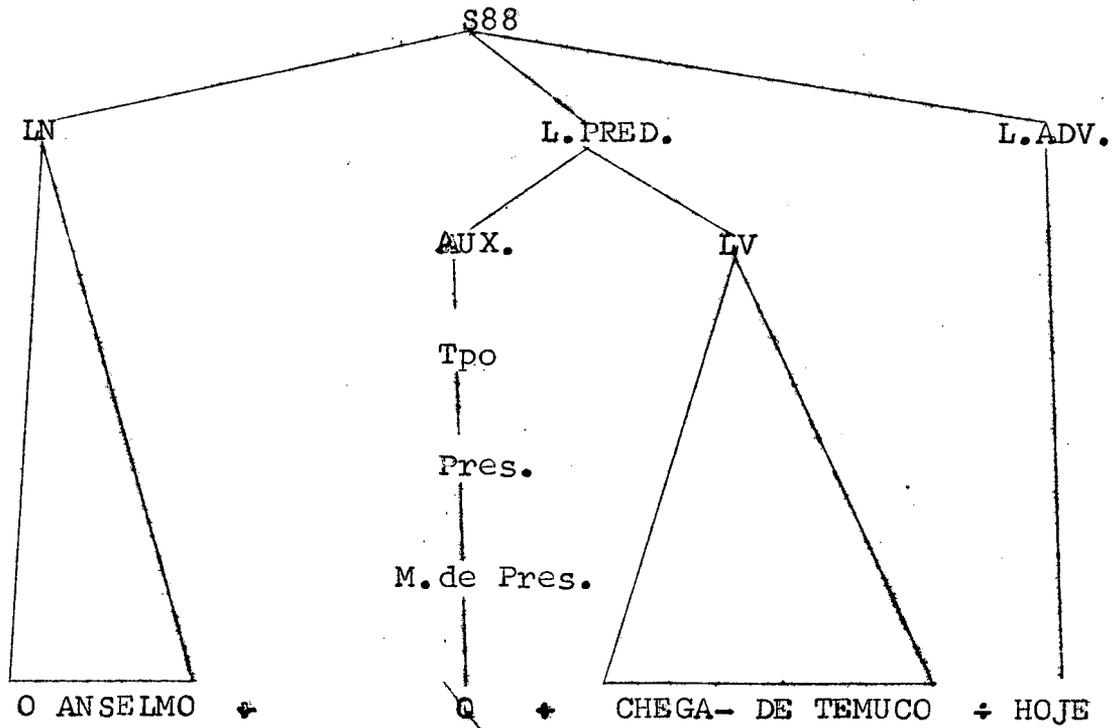
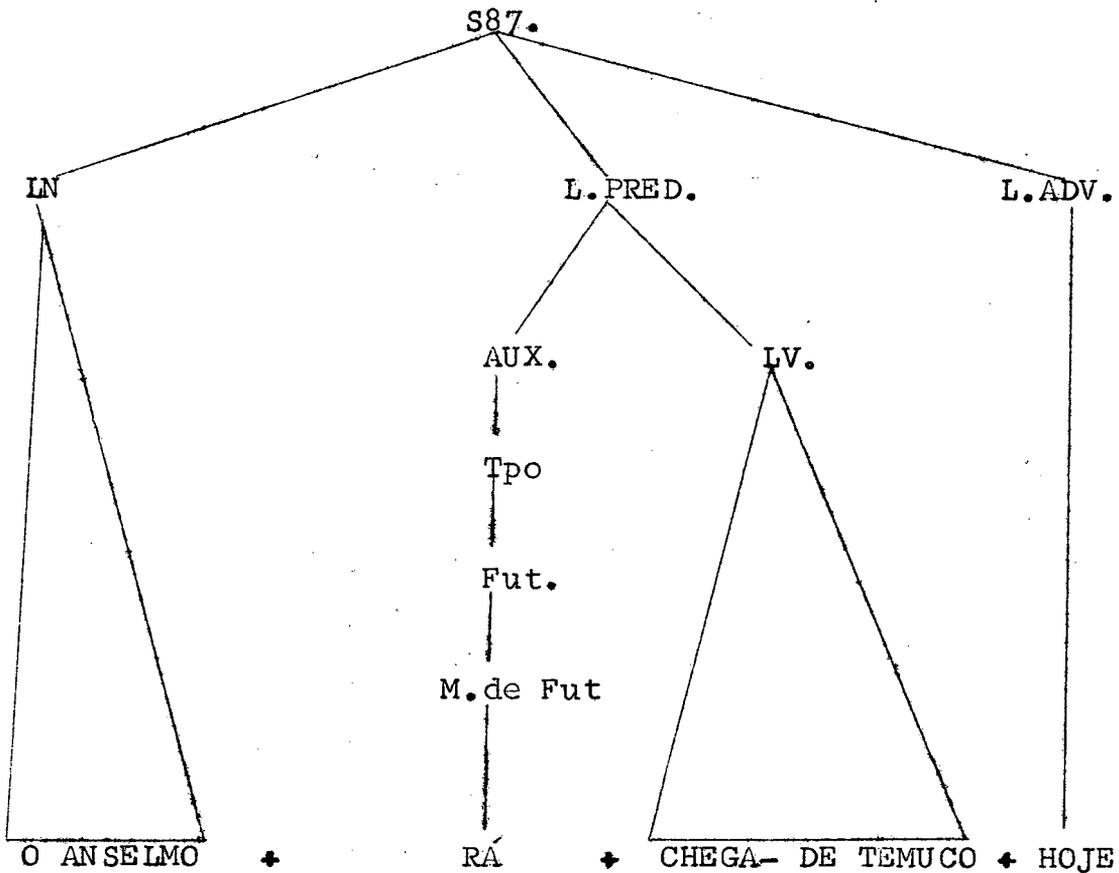
"Hoje".

Por sua vez, o advérbio "Hoje", que pelos traços semânticos parece oposto a "Ontem", tem sintaticamente um comportamento um tanto semelhante ao advérbio "Sempre", indicado no léxico com os traços (< + presente), (< + passado) (< futuro) .

assim temos:

- S87. "Hoje o Anselmo chegará de Temuco".
- S88. "Hoje o Anselmo chega de Temuco".
- S89. "Hoje o Anselmo vai chegar de Temuco".
- S90. "Hoje o Anselmo há de chegar de Temuco".
- S91. "Hoje o Anselmo irá chegar de Temuco".
- S92. "Hoje o Anselmo haverá de chegar de Temuco".
- S93. "Hoje o Anselmo chegaria de Temuco, se o avião não atrasasse tanto".
- S94. "Hoje o Anselmo chegava de Temuco, se o avião não atrasasse tanto".
- S95. "Hoje o Anselmo ia chegar de Temuco, se o avião não atrasasse tanto".
- S96. "Hoje o Anselmo havia de chegar de Temuco, se o avião não atrasasse tanto".
- S97. "Hoje o Anselmo iria chegar de Temuco, se o avião não atrasasse tanto".
- S98. "Hoje o Anselmo haveria de chegar de Temuco, se o avião não atrasasse tanto".
- S99. "Hoje o Anselmo chegou de Temuco".
- * S100. "Hoje o Anselmo chegava de Temuco".(8)

Assim teríamos:



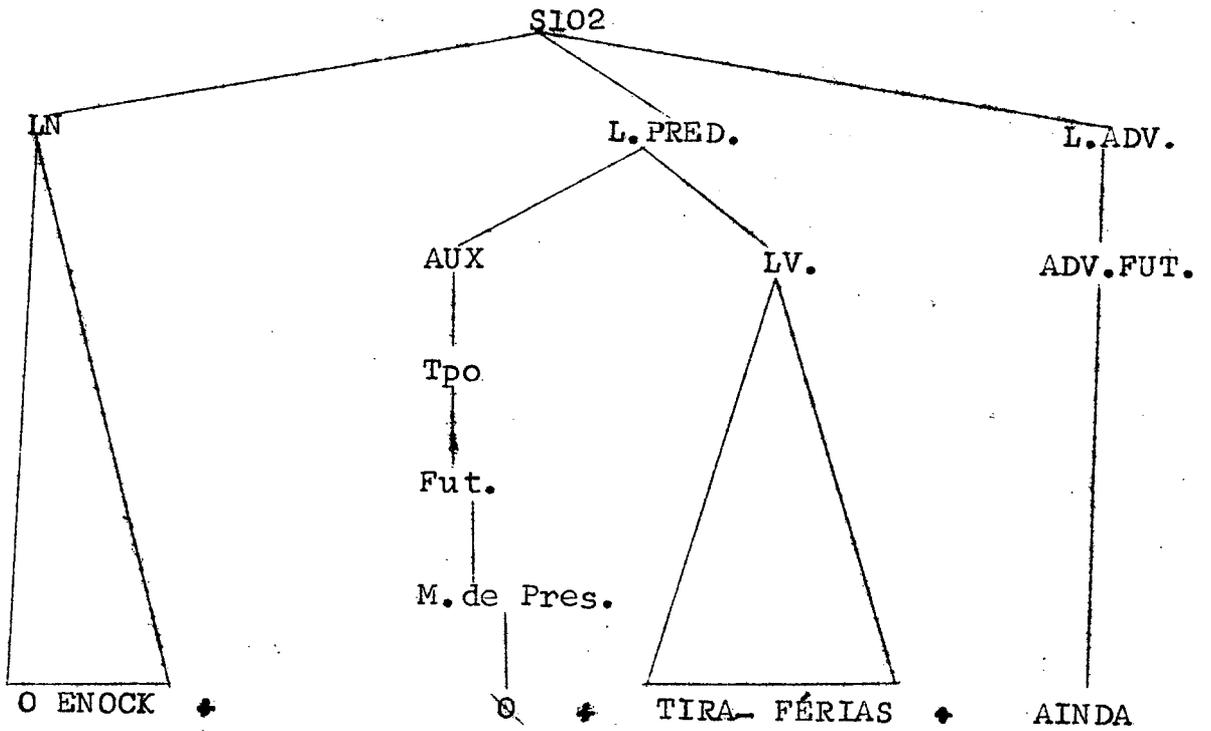
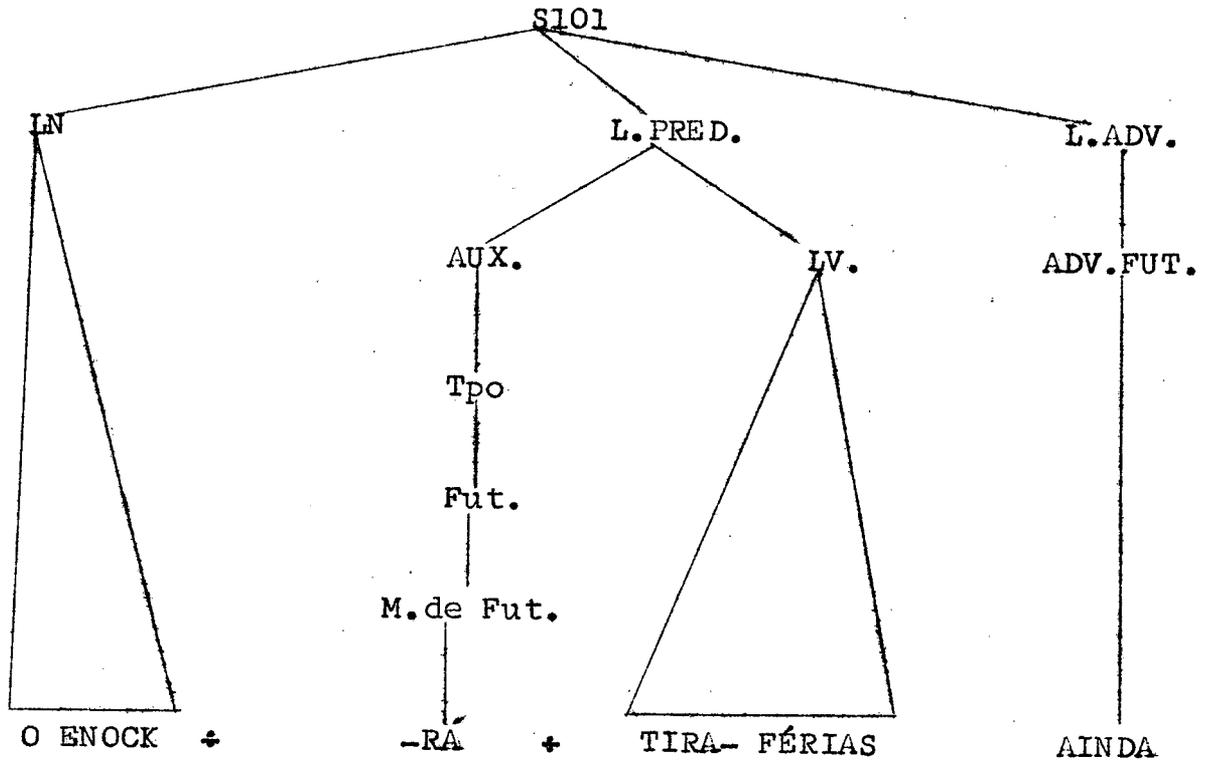
2.1.7. O comportamento sintático e o advérbio
"Ainda".

Tomemos um outro grupo de sentenças tendo como eixo o advérbio "Ainda", com o sentido de "Algum dia".

- S101. "O Enock ainda tirará férias".
 S102. "O Enock ainda tira férias".
 S103. "O Enock ainda vai tirar férias".
 S104. "O Enock ainda há de tirar férias".
 S105. "O Enock ainda irá tirar férias".
 S106. "O Enock ainda haverá de tirar férias".
 S107. "O Enock ainda tiraria férias, se a estrutura permitisse".
 S108. "O Enock ainda tirava férias, se a estrutura permitisse".
 S109. "O Enock ainda ia tirar férias, se a estrutura permitisse".
 S110. "O Enock ainda havia de tirar férias, se a estrutura permitisse".
 S111. "O Enock ainda iria tirar férias, se a estrutura permitisse".
 S112. "O Enock ainda haveria de tirar férias, se a estrutura permitisse".
 *S113. "O Enock ainda tirou férias".(9)
 *S114. "O Enock ainda tirava férias".(10)

Semanticamente, os traços que envolvem os advérbios "Ainda" e "Depois" são um tanto similares. São marcados com <+ futuro>, daí a agramaticalidade e inaceitabilidade das sentenças S113 e S114.

Diagramando as sentenças S101 e S102 temos:



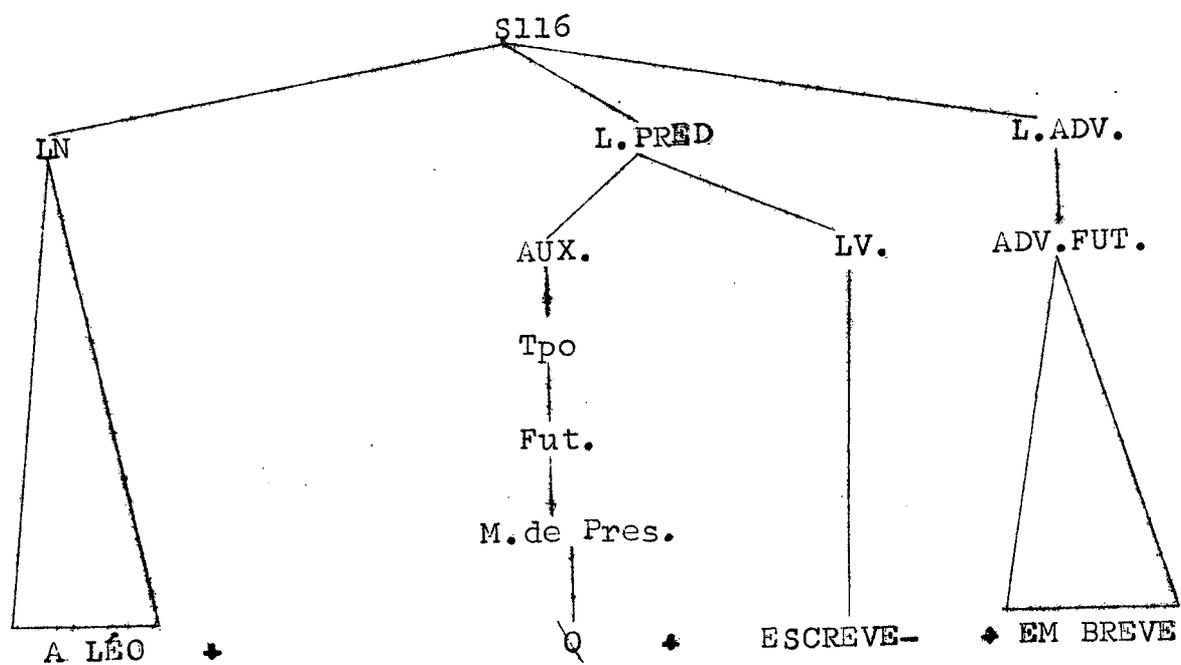
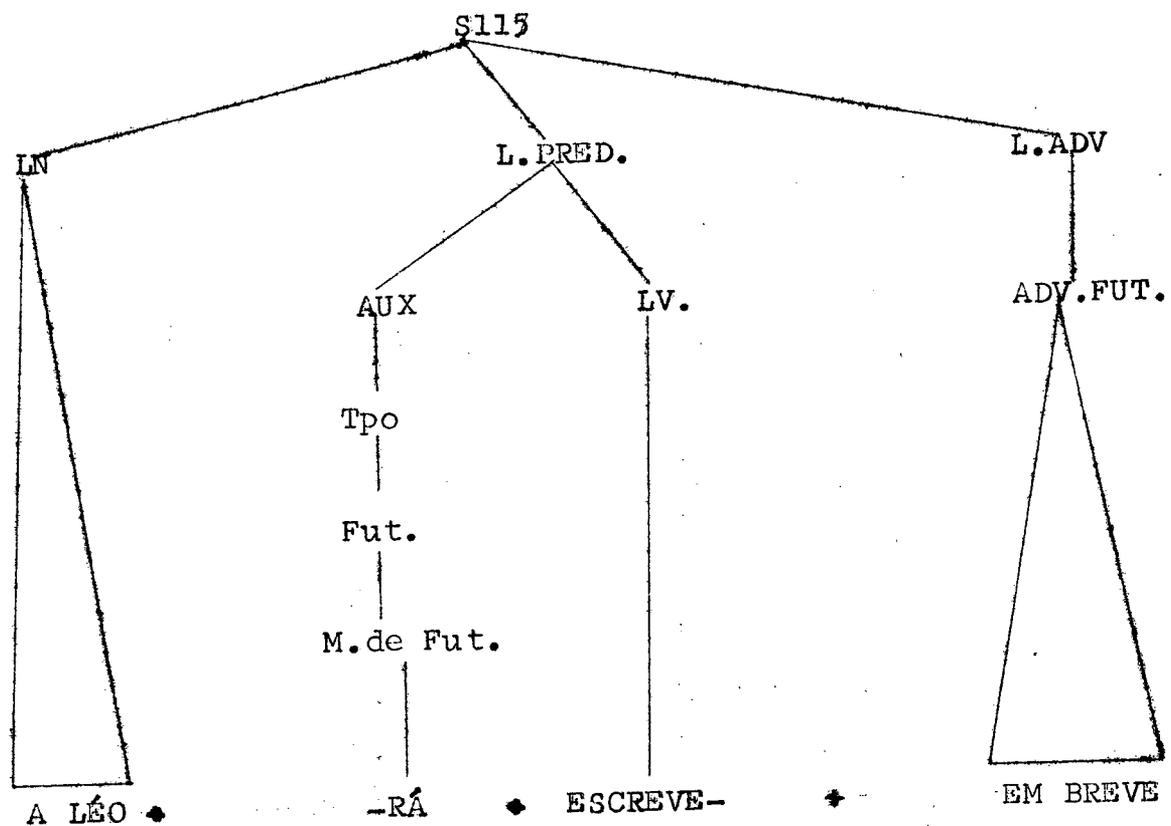
2.1.8. O comportamento sintático e o advérbio
"Em breve".

Consideremos um outro advérbio: "Em breve" que parece comportar-se, quer semântica quer sintaticamente, da mesma forma que o advérbio "Amanhã". "Em breve" contém o traço semântico-sintático de <+ futuro>. Assim temos:

- S115. "Em breve a Léo escreverá".
 S116. "Em breve a Léo escreve".
 S117. "Em breve a Léo vai escrever".
 S118. "Em breve a Léo há de escrever".
 S119. "Em breve a Léo irá escrever".
 S120. "Em breve a Léo haverá de escrever".
 S121. "Em breve a Léo escreveria, se tivesse o meu endereço".
 S122. "Em breve a Léo escrevia, se tivesse o meu endereço".
 S123. "Em breve a Léo ia escrever, se tivesse o meu endereço".
 S124. "Em breve a Léo havia de escrever, se tivesse o meu endereço".
 S125. "Em breve a Léo iria escrever, se tivesse o meu endereço".
 S126. "Em breve a Léo haveria de escrever, se tivesse o meu endereço".
 *S127. "Em breve a Léo escreveu".
 *S128. "Em breve a Léo escrevia".

Diagramando as sentenças 115 e 116, notaremos que a estrutura profunda de S115 e S116, abstraindo a saí-

da lexical, se identifica com S117 e S118.



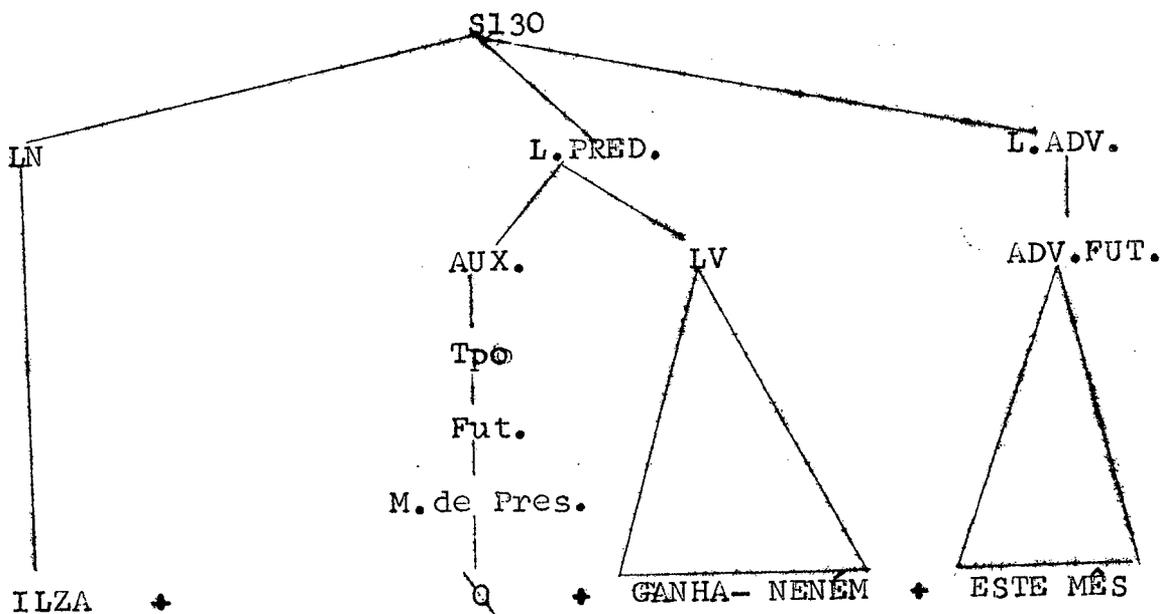
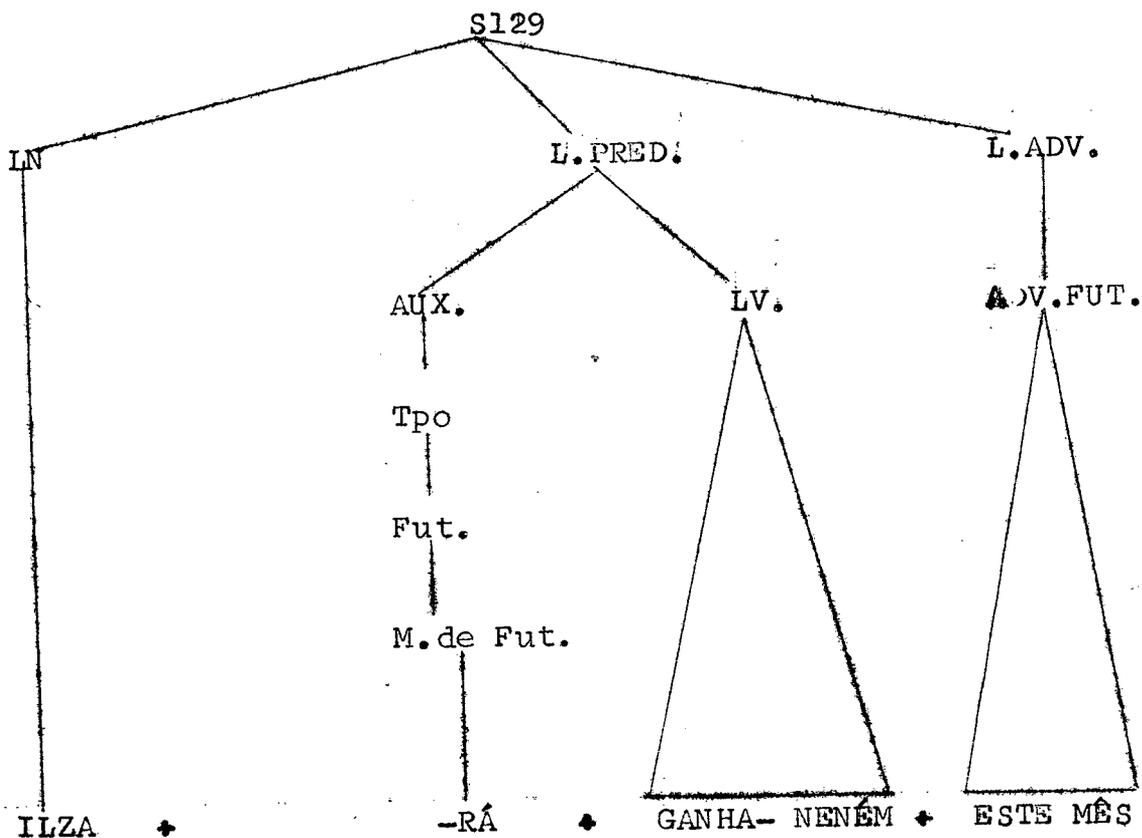
2.1.9. O comportamento sintático e o advérbio
"Este mês".

Consideremos ainda um grupo de sentenças. Desta feita estão elas agrupadas em torno de "Este mês".

- S129. "Ilza ganhará neném, este mês".
 S130. "Ilza ganha neném, este mês".
 S131. "Ilza vai ganhar neném, este mês".
 S132. "Ilza há de ganhar neném este mês".
 S133. "Ilza irá ganhar neném, este mês".
 S134. "Ilza haverá de ganhar neném, este mês".
 S135. "Ilza ganharia neném este mês, se tudo corresse bem".
 S136. "Ilza ganhava neném este mês, se tudo corresse bem".
 S137. "Ilza ia ganhar neném este mês, se tudo corresse bem".
 S138. "Ilza havia de ganhar neném este mês, se tudo corresse bem".
 S139. "Ilza iria ganhar neném este mês, se tudo corresse bem".
 S140. "Ilza haveria de ganhar neném este mês, se tudo corresse bem".
 S141. "Ilza ganhou neném este mês".
 S142. "Ilza ganhava neném, este mês".(11)

Como se vê, "Este mês" tem o mesmo comportamento sintático-semântico que "Hoje", mas se estivéssemos diante de forma adverbial como "Próximo mês", o comportamento seria semelhante a "Amanhã", devido aos traços se-

mânticos-sintáticos dos elementos. Assim temos:



Depois de termos visto o comportamento verbal diante de certos advérbios arrolados pela Gramática Normativa-Descritiva como advérbios de tempo, passemos à última parte do trabalho.

NOTAS:

- (1) GUILLAUME (1948-1949) em Leçons de linguistique générale distingue "simples expressão", "morfema de duplo efeito" e "expressividade", "morfema de simples efeito".

O morfema de duplo efeito é indispensável à definição de uma palavra numa categoria - Lerei: -REI define a forma enquanto verbo de tempo futuro do indicativo, assim a forma se basta em termos de comunicação linguística -. A futuridade é expressa, ou melhor, superficializada por um só morfema, daí, simples expressão.

Já no caso da sentença matriz S17, não temos a temporalidade expressa apenas pelo morfema -REI, mas é reiterada e realçada pelo advérbio "Amanhã". "Amanhã" neste caso, não é essencial à definição de Lerei como verbo em tempo futuro. "Amanhã" funciona como morfema de simples efeito. Devido a não essencialidade, temos um caso de expressividade.

Expressividade e simples expressão são categorias vistas por Guillaume no quadro de uma categoria mais geral que ele propõe como suficiência expressiva. Suficiência expressiva é tudo aquilo que se diz, pouco ou muito, capaz de satisfazer uma necessidade de comunicação (cf. pp.173-178).

- (2) MATTOSO CÂMARA JR., 1967.
- (3) Cf. GUILLAUME, Gustave, 1964, p.218.
- (4) Cf, idem, ibidem, p.214.
- (5) A restrição de S44 como absoluta impossibilita a interpretação de uma apódose não superficializada, que envolveria, conseqüentemente, a permuta do imperfeito pelo futuro do pretérito.
- (6) Cf. nota 5.
- (7) Cf. nota 5.
- (8) Cf. nota 5.
- (9) Frase tomada como independente.

(10) Cf. nota 5.

(11) Cf. nota 5.

(1)

CAPÍTULO III: CONCLUSÃO

Como conclusão do presente trabalho fazemos algumas propostas, já encaminhadas ao longo da exposição apoiadas na realidade sintática-gerativa de Chomsky e na realidade semântica de Guillaume.

1. Na abordagem de tempo futuro, levar em consideração real, não apenas a forma "pura" (-RE) como todas as que são capazes de ocorrerem em seu lugar, mantendo o significado primitivo da sentença.
2. A designação de tempo futuro não é propriedade exclusiva do verbo: o advérbio pode assumir o valor da temporalidade expressa, normalmente, pelo morfema de tempo verbal.
3. Os advérbios devem ser apresentados no Léxico não apenas sob o rótulo de "advérbios de tempo", mas devem ser indicados, também, com os traços semânticos-sintáticos. Assim, por exemplo, podemos subcategorizar os advérbios que ocorrem na presente dissertação:

amanhã

⟨+ futuro⟩

agora

⟨+ presente⟩

depois

⟨+ futuro⟩

em breve

⟨+ futuro⟩

próximo mês

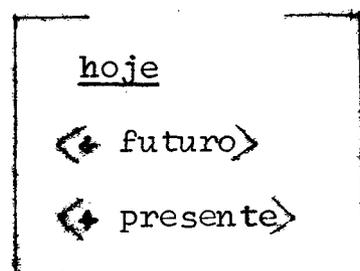
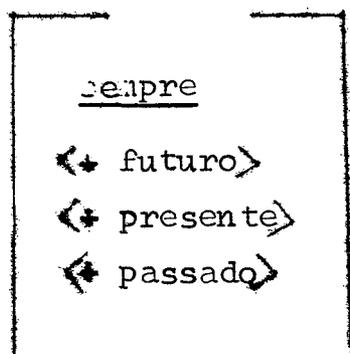
⟨+ futuro⟩

ontem

⟨+ passado⟩

ainda

⟨+ futuro⟩

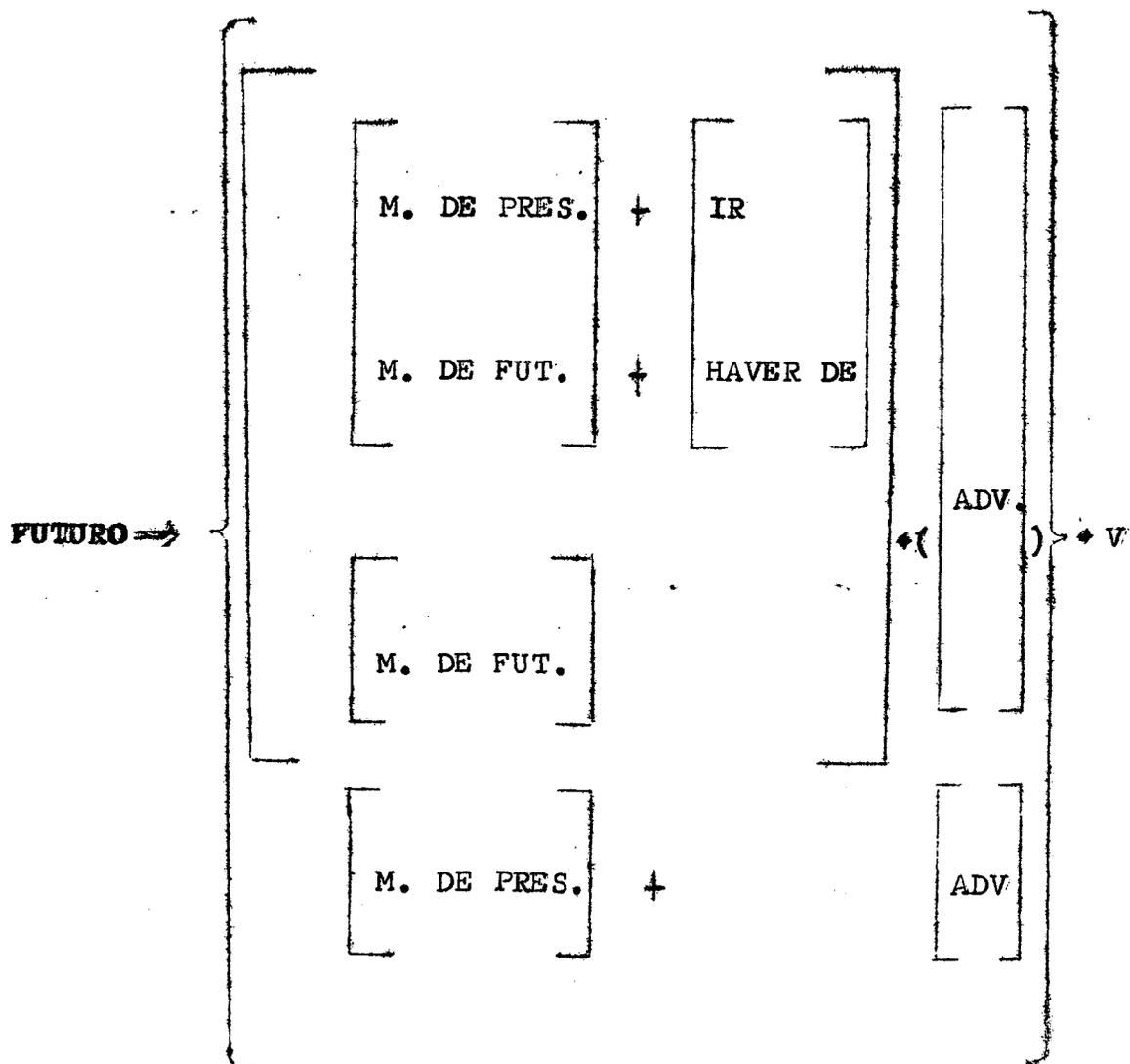


4. Só os advérbios de tempo que forem marcados com o traço sintático-semântico ⟨+ presente⟩ podem ocorrer com todos os tempos. Os que forem marcados apenas com ⟨+ futuro⟩ excluem as formas onde ocorre o ⟨+ passado⟩ e os que só tiverem a marca ⟨+ passado⟩, conseqüentemente obliteram as sentenças absolutas geradas na base do presente e futuro.

5. Desta forma, devemos considerar o advérbio de tempo dentro de uma problemática de ênfase ou realce da noção de temporalidade, pois essa problemática já

está explicitada superficialmente na estrutura do próprio verbo, através de morfemas de duplo efeito, ou formas presas, obviamente, antecedidos da forma básica do verbo

Como síntese conclusiva apresentamos aqui a regra de reescritura do tempo futuro:



BIBLIOGRAFIA

- APOCALYPSE, Raul. Língua Portuguesa, Rio, Livraria Francisco Alves.
- ANDRADE, Gustavo de. Gramática Electiva da Língua Portuguesa, Bahia, Livraria Catalina, 1917.
- AZEVEDO FILHO, L.A.de. A Fonética Descritiva e a Nomenclatura Gramatical Brasileira, Rio, UFRJ, 1961.
- _____ Gramática básica da Língua Portuguesa, Rio, Ed. Fundo de Culturz, 1969.
- AZEVEDO, Milton M. O Subjuntivo em Português, Petrópolis, Vozes, 1976.
- BARBOSA, Jeronymo Soares. Gramática Philosophica da Língua Portuguesa ou Princípios da Gramática Geral applicados à nossa Língua, Lisboa, T. da Academia Real das Ciências, 1881.
- BARBOSA, M. Aparecida. "Elementos para uma descrição da estrutura e funções do sintagma circunstancial na crônica brasileira", in Revista brasileira de Linguística, nº1, Petrópolis, Vozes, 1974.
- BARRETO, Mário. Novos estudos da Língua Portuguesa, Rio, Livraria Francisco Alves, 1974.
- _____ De Gramática e de Linguagem, Rio, Ed. O Norte, 1922.
- _____ Novíssimos estudos da Língua Portuguesa, Rio, Livraria Francisco Alves, 1924.
- _____ Factos da Língua Portuguesa, Rio, Organização Simões, 1954.

- BARROS, João de. Gramática da Língua Portuguesa, Lisboa, Sociedade Astória, 1957.
- BECHARA, Evanildo. Moderna Gramática da Língua Portuguesa, São Paulo, Ed. Companhia Nacional, 1968.
- _____ Curso Moderno de Português, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1968.
- _____ Lições de Português pela Análise Sintática, Rio, Grifo, 1976.
- BELLO, Andrés. Gramática de la lengua castellana, Buenos Aires, Ed. Anaconda
- BENVENISTE, E. Problèmes de linguistique générale, Paris, Gallimard, 1966.
- BOLÉO, Manuel de Paiva. O Perfeito e o Pretérito em Português, Coimbra, Biblioteca da Universidade, 1936.
- BORBA, Francisco da S. Fundamentos da Gramática Gerativa, Petrópolis, Vozes, 1976.
- BRUNO, Aníbal. Língua Portuguesa, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1950.
- CABRAL, Leonor Sciliar. Introdução à Linguística, Porto Alegre, Ed. Globo, 1974.
- CAMPOS, Agostinho de. Futuro da Língua Portuguesa no Brasil, Rio, Ed. Dois Mundos, 1948.
- CARVALHO, J. Marques de. Gramática e Antologia Nacional, Rio, Livraria Francisco Alves, 1953.
- CARVALHO, J. Mesquita de. Dicionário Prático da Língua Portuguesa, Porto Alegre, Globo, 1954.
- CARRETER, F. Lazaro. Diccionario de Términos Filológicos, Madrid, Ed. Gredos, 1961.
- CASASSANTA, Mário. Júlio Ribeiro e Maximino Maciel, Rio, S.D. do M.E.S., 1946.
- CASTILHO, Ataliba. Introdução ao Aspecto Verbal na Língua Portuguesa, São Paulo, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Marília, 1966.

- Sintaxe dos Verbos e os Tempos do Passado em Português, São Paulo, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Marília, 1967.
- CEGALLA, D. Paschoal. Português para o Ginásio, Rio, Livraria Francisco Alves, 1960.
- CHEDIACK, Antônio J. Lições Práticas da Língua Portuguesa, Rio, E.T.N., 1948.
- CHOMSKY, Noam. Aspectos de la Teoria de la Sintaxis, Madrid, siglo XXI, 1971.
- Linguagem e Pensamento, Petrópolis, Vozes, 1971.
- Linguística Cartesiana, Petrópolis, Vozes, 1972.
- "A Linguagem e a Mente", in Novas Perspectivas Lingüísticas, Petrópolis, Vozes, 1970.
- CONTRERAS, Heles. Los Fundamentos de la Gramática Transformacional, México, Siglo XXI, 1971.
- CORREIA, R. e STEINBERG, S. Gramática da Língua Francesa, Rio, MEC, 1968.
- CUNHA, Celso Ferreira da. Uma política do Idioma, Rio, Livraria São José, 1964.
- DIAS, Augusto Epiphany da S. Sintaxe Histórica Portuguesa, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1970.
- ELIA, Hamilton. Dúvidas da nossa Língua, Rio, Ozon Editor, 1961.
- Gramática Aplicada para o Curso ginasial, Rio, Ozon Editor, 1966.
- EASTLACK, Charles L. The Morphology of the verb in Portuguese, Austin, U. Texas, 1964.
- FERNANDES, Francisco. Dicionário de sinônimos e antônimos, Porto Alegre, Ed. Globo, 1944.
- FREI, Henri. La Grammaire de fautes, Paris, Librairie Paul Geuthener, 1929.

- GLEASON, H.A. Introduction à la Linguistique, Paris, Larousse, 1969.
- GOES, C. e PALHANO, Herbert. Gramática da Língua Portuguesa, Rio, Livraria Francisco Alves, 1960.
- GOMES, Alfredo. Gramática Portuguesa, Rio, Livraria Francisco Alves, 1915.
- GONÇALVES, M. Augusto. Tratado de Análise Léxica e Sintática, Rio, Livraria Antunes, 1943.
- GUILLAUME, Gustave. Temps e Verbe - Théorie des aspects, des modes et des temps, Paris, Champion, 1929.
- _____. Langage et science du langage, Paris, Librairie A. Z. Nizet, 1964.
- GUIMARÃES, M. Soares. Português através de textos, Belo Horizonte, Ed. Bernardo Álvares, 1969.
- JUCÁ FILHO, Cândido. Gramática brasileira do português contemporâneo, Rio, Ed. Pan Americana, 1943.
- KATO, Mary Aizawa. A Semântica Gerativa e o Artigo Definido, Rio, Editora Ática, 1974.
- KURY, A. da Gama. Pequena Gramática, Rio, Agir, 1959.
- _____. Português básico, Rio, Agir, 1960.
- LEMLE, Míriam. "Analogia na morfologia" in Revista brasileira de Linguística, Vozes, 1974.
- LIMA, M. Pereira de Souza. Gramática Portuguesa, Rio, José Olympio, 1945.
- LOBATO, L. M. Pinheiro et alii. Análises lingüísticas, Petrópolis, Vozes, 1975.
- LOPES, Edward. Fundamentos da Lingüística contemporânea, São Paulo, Cultrix, 1976.
- LYONS, John. Linguistique générale, Paris, Larousse, 1970.
- MACIEL, Maximino. Gramática Descritiva, Rio, Livraria Francisco Alves, 1914.
- MAIA, Eleonora Motta. "Gramática Transformacional e Psicologia cognitiva" in Revista brasileira de linguística, nº2, Petrópolis, Vozes, 1975.

- MATTOSO CÂMARA JR., J. Princípios de Linguística Geral, Rio, Livraria Acadêmica, 1954.
- _____ Teoria de Análise Léxica, Rio, Gráfica Tupy, 1956.
- _____ Dicionário de Fatos Gramaticais, Rio, Casa Rui Barbosa, 1956.
- _____ A Forma Verbal Portuguesa em -Ria, Washington, Georgetown University press, 1967.
- _____ Dicionário de Filologia e Gramática, Rio, J. O-zon, 1968.
- _____ Problemas de Linguística descritiva, Petrópolis Vozes, 1969.
- _____ Estrutura da Língua Portuguesa, Petrópolis, Vozes, 1970.
- MELLO, G. Chaves de. A Língua do Brasil, Rio, Agir, 1946.
- MONTEIRO, Clovis. Português da Europa e português da América - aspectos da evolução do nosso idioma, Rio, Livraria Leite, 1931.
- NASCENTES, Antenor. O Idioma nacional, Rio, Livraria Francisco Alves, 1933.
- _____ O Idioma nacional, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1937.
- _____ O Linguajar Carioca, Rio, Organização Simões, 1953,
- _____ Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, Rio, Livraria Acadêmica, 1955.
- _____ Dicionário de Sinônimos, Coimbra, Livraria Atlântica, 1957.
- NUNES, Joaquim. Gramática histórica portuguesa, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1930.
- OLIVEIRA, Fernão de. Gramática da Língua Portuguesa, Lisboa, Editora José Fernandes, 1936.

- OLIVEIRA FILHO, A.Marques. Problemas de Linguística e de Gramática, Rio, Aurora, 1952.
- OLIVEIRA E SOUZA, E.Olímpio de. Noções de Gramática e de Língua portuguesa, São Paulo, Ed.Civilização Brasileira e Companhia Editora Nacional, 1957.
- PAIS, Cidmar Teodoro. "Inter-relações forma substância nos universos semiótico-lingüísticos" in Revista Brasileira de Linguística, nº 1, Petrópolis, Vozes, 1974.
- PAIS, Cidmar Teodoro et alii. Estruturas Linguísticas do Português, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1973.
- PALHANO, Herbert. Estudos de Linguagem, Lisboa, Editora Revista de Portugal, 1952.
- PEREIRA, Carlos Eduardo. Gramática Expositiva, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1952.
- PONTES, Eunice. Estrutura do verbo no Português, Coloquial, Petrópolis, Vozes, 1972.
- Verbos Auxiliares em Português, Petrópolis, Vozes, 1973.
- RIBEIRO, João. Gramática Portuguesa, Rio, Livraria Francisco Alves, 1911.
- RIBEIRO, Júlio. Gramática Portuguesa, São Paulo, Teixeira e Irmão Ed., 1885.
- ROBINS, R.H. Linguística General, Madrid, Gredos, 1971.
- ROCHA LIMA, C.Henrique da. Gramática Normativa da Língua Portuguesa, Rio, Briguet.
- ROSEMBAUM, P. e JACOB, R. English Transformational Grammar, Massachusetts, Blaised Publishing Company, 1968.
- RUWET, Nocolas. Introduction à la Grammaire Générative, Paris, Plon, 1968.
- SÁ, F.Franco de. A Língua Portuguesa - dificuldades e dúvidas -, Maranhão, Imprensa Oficial, 1915.

- SAID ALI, M. Gramática histórica da Língua Portuguesa, São Paulo, Companhia Editora Melhoramentos, 1924.
- _____ Gramática secundária da Língua Portuguesa, Rio, Livraria Francisco Alves, 1930.
- _____ Dificuldades da Língua Portuguesa, Rio, Livraria Francisco Alves, 1930.
- SALLES, Miguel. Ensino renovado da Língua Portuguesa, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1969.
- SILVA JR., P. e ANDRADE, L. Gramática da Língua Portuguesa, Rio, Livraria Francisco Alves, 1913.
- SILVEIRA BUENO, F.da. A Formação histórica da Língua Portuguesa, São Paulo, Acadêmica,, 1968.
- _____ Grande dicionário etimológico prosódico da língua portuguesa, São Paulo, Ed. Saraiva, 1968.
- VANDRESEN, Paulino. "O vocalismo português - implicações teóricas" in Revista Brasileira de Linguística, nº2, Petrópolis, Vozes, 1975.
- VASCONCELLOZ, A.Garcia R. de. Gramática Portuguesa, Paris, Livraria Aillaud Alves e Cia
- VASQUEZ CUESTA, P. e MENDES DA LUZ, A. Gramática Portuguesa, Madrid, Gredos, 1961.